

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

CLODOALDO SANCHES FOFANO

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 31/07/2017



LITERATURA E RELIGIÃO: UM ESTUDO DAS INFLUÊNCIAS DO DISCURSO
RELIGIOSO EM “DOM CASMURRO”, DE MACHADO DE ASSIS

Faculdade Unida de Vitória

VITÓRIA
2017

CLODOALDO SANCHES FOFANO

LITERATURA E RELIGIÃO: UM ESTUDO DAS INFLUÊNCIAS DO DISCURSO
RELIGIOSO EM “DOM CASMURRO”, DE MACHADO DE ASSIS

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 31/07/2017



Trabalho final de Mestrado Profissional
para obtenção do grau de Mestre em
Ciências das Religiões
Faculdade Unida de Vitória
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Análise do Discurso
Religioso

Orientador: Dr. José Adriano Filho

VITÓRIA
2017

Fofano, Clodoaldo Sanches.

Literatura e Religião / Um estudo das influências do discurso religioso em “Dom Casmurro”, de Machado de Assis / Clodoaldo Sanches Fófano. / – Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2017. xi 92 f. ; 31 cm.

Orientador: José Adriano Filho

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2017.

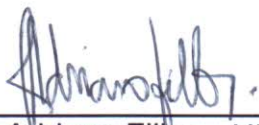
Referências bibliográficas: f. 90-92

1. Análise do Discurso Religioso. 2. Sujeito Discursivo. 3. Dom Casmurro. 4. Machado de Assis. Tese. I. Clodoaldo Sanches Fófano. II. Faculdade Unida de Vitória, 2017. III. Título.

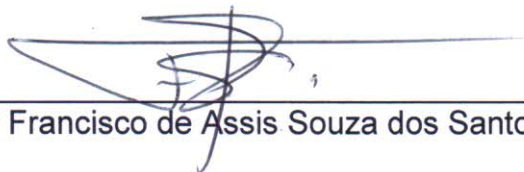
CLODOALDO SANCHES FOFANO

LITERATURA E RELIGIÃO: UM ESTUDO DAS INFLUÊNCIAS DO DISCURSO
RELIGIOSO EM DOM CASMURRO, DE MACHADO DE ASSIS

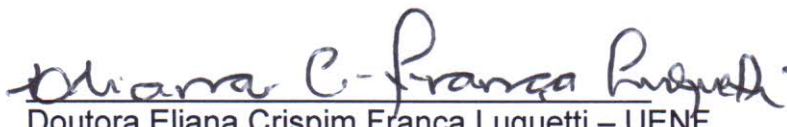
Dissertação para obtenção do grau
de Mestre em Ciências das
Religiões no Programa de Mestrado
Profissional em Ciências das
Religiões da Faculdade Unida de
Vitória.



Doutor José Adriano Filho – UNIDA (presidente)



Doutor Francisco de Assis Souza dos Santos – UNIDA



Doutora Eliana Crispim França Luquetti – UENF



*Dedico,
como fiel vassalo
do nosso diminuto reino,
este trabalho
à minha linda rainha, Érica, e
à princesa encantadora, Maria Clara,
por terem me dado
minha mais significativa experiência:
ser pai.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela superabundante graça. Peço que “Nunca me deixes esquecer/ Que tudo o que tenho/ Tudo o que sou, o que vier a ser,/ Vem de Ti, Senhor”.

A minha querida esposa Érica, que sempre está ao meu lado, estimulando-me a prosseguir em busca dos meus sonhos.

A minha amada filha, Maria Clara, a princesa dos meus contos maravilhosos. Com ela toda história realmente termina feliz.

Aos meus valiosos pais José Carlos (*in memoriam*) e Marlene, por terem investido em minha formação estudantil, acreditando que a educação nos faz cidadãos melhores.

À Faculdade Unida de Vitória por ter criado um programa de mestrado que pudesse me oferecer condições de realizar um sonho.

Ao corpo docente do curso por toda dedicação, transmissão do conhecimento e incentivo à pesquisa. Em especial meu orientador, professor José Adriano, pela prontidão e praticidade.

Aos meus grandes amigos de turma, mas principalmente: Bruna, Bruno, Geane, Líbia e Vinícius. Sem vocês, esta trajetória não seria tão inspiradora.

Aos meus estimados alunos, que me inspiraram para o desenvolvimento desta pesquisa. Obrigado pelas profundas reflexões sobre o romance em análise. Em especial, à aluna Bruna Meneses de Almeida que em um Seminário de Literatura sobre Dom Casmurro no Colégio Central me surpreendeu e emocionou projetando-se no texto literário e escrevendo uma carta póstuma, como se fosse a própria Capitu, endereçada a Bentinho.

Por fim, aos brilhantes Mestres do curso de Letras do Centro Universitário São José de Itaperuna que despertaram em mim a paixão pela linguística e literatura. Através da experiência de vocês, compreendi a necessidade da formação continuada na prática do magistério.



*Como eu quisesse falar para disfarçar o meu estado,
chamei algumas palavras cá de dentro,
mas elas encheram minha boca
sem poder sair nenhuma.*
(ASSIS, Machado de, 2009, p. 67)

*Os olhos continuaram a dizer coisas infinitas,
as palavras de boca é que nem tentavam sair,
tornavam ao coração
caladas como vinham.*
(ASSIS, Machado de, 2009, p. 38).

RESUMO

Esta pesquisa propõe estabelecer um possível diálogo entre os estudos religiosos, literários e linguísticos, utilizando para isso a Análise do Discurso de filiação francesa criada por Michel Pêcheux, como também a conceituação do discurso, formação do sujeito discursivo, a língua compreendida fazendo sentido, as relações intertextuais e o contexto histórico. O trabalho integra a linha de pesquisa Análise do Discurso Religioso e tem por *corpus* o romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Dentre os teóricos consultados para esta dissertação, destacam-se como básicos Bakhtin (1998), Brandão (2004), Dominique Maingueneau (1997), Koch (1997-2003), Pêcheux (1990), etc. Assim sendo, mediante a aplicação do arcabouço teórico-metodológico, objetivou-se verificar de que maneira o Discurso Religioso Católico exerceu influências na produção da obra em apreciação. Para tanto, realizaram-se as análises, inicialmente utilizando o intertexto e, em seguida, o contexto histórico como elementos discursivos na construção de sentido. E inferiu-se que, em *Dom Casmurro*, romance realista de Machado de Assis, o enunciador, mesmo não sendo autor de uma literatura que poderia ser reconhecida como “cristã”, apresenta uma extensa obra influenciada pelas crenças religiosas, especificamente as da Igreja Católica.

Palavras-chave: Análise do Discurso Religioso. Sujeito Discursivo. Dom Casmurro. Machado de Assis.

PPGCR
Faculdade Unida de Vitória

ABSTRACT

This research proposes to establish a possible dialogue between religious, literary and linguistic studies, using the Discourse Analysis of French affiliation created by Michel Pêcheux, as well as the conceptualization of the discourse, formation of the discursive subject, the understood language making sense, the Intertextual relations and the historical context. The work integrates the research line Analysis of the Religious Discourse and has by corpus the novel Dom Casmurro, of Machado de Assis. Among the theoreticians consulted for this dissertation, Bakhtin (1998), Brandão (2004), Dominique Maingueneau (1997), Koch (1997-2003), Pêcheux (1990) Thus, through the application of the theoretical-methodological framework, the objective was to verify how the Catholic Religious Discourse exerted influences on the production of the work in appreciation. For this, the analyzes were carried out, initially using the intertext and then the historical context as discursive elements in the construction of meaning. And it was inferred that in Dom Casmurro, a realist novel by Machado de Assis, the enunciator, although not authoring a literature that could be recognized as "Christian", presents an extensive work influenced by religious beliefs, specifically those of the Catholic Church .

Keywords: Religious Discourse Analysis. Discursive subject. Dom Casmurro. Machado de Assis.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ASPECTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA..	15
1.1 A concepção de Análise do Discurso de linha francesa	15
1.2 A noção de discurso como construção de sentido entre os Interlocutores.....	19
1.3 A formação do sujeito discursivo na Análise do Discurso	21
1.4 A língua compreendida através da construção de sentido: campo fascinante de achados inesgotáveis	22
1.5 O intertexto no universo discursivo	26
1.6 A análise do discurso e a situação histórico-social	32
2 ASPECTOS RELIGIOSOS EM MACHADO DE ASSIS.....	38
2.1 A religiosidade em “Dom Casmurro”	41
2.2 As relações intertextuais bíblicas em “Dom Casmurro” através da alusão	47
2.3 Infância, juventude e idade adulta.....	48
2.4 A vida no seminário.....	52
2.5 O casamento de Bento e Capitu	55
2.6 Nascimento, vida e morte de Ezequiel	58
3 DESSACRALIZAÇÃO DO COSMOS EM “DOM CASMURRO”	61
3.1 Mundo religioso X mundo dessacralizado	65
3.2 Bentinho X Bento Santiago X “Dom Casmurro”	69
3.3 A agonia da alma X o memorial	74
3.4 A casa de Bentinho X o seminário	76
3.5 Capitu X Dona Glória	79
3.6. A vítima X o ofensor	82
CONCLUSÃO.....	86
REFERÊNCIAS.....	90

INTRODUÇÃO

Órfão aos dez anos, o menino mestiço do Morro do Livramento, Rio de Janeiro, estudou em escolas públicas e tratou de instruir-se por conta própria, interessando-se por leitura. Inteligente e esforçado, Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) aproximou-se de intelectuais e de jornalistas, que lhe deram oportunidades. Aos dezesseis anos, empregou-se na tipografia de Paula Brito. Aos dezenove anos, já era colaborador assíduo de jornais e revistas cariocas: *Correio Mercantil*, *O Espelho*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Semana Ilustrada*, *Jornal das Famílias*. Em 1867, foi nomeado oficial da Secretaria de Agricultura. Ao mesmo tempo em que progredia no emprego, sua carreira de escritor tornava-se cada vez mais promissora. Casou-se aos trinta anos com a portuguesa Carolina Xavier de Novais.

Machado de Assis tornou-se o intelectual mais famoso do Rio de Janeiro na passagem do Império à República. Além de ser a figura representativa da maturidade da formação da literatura brasileira. Segundo Antônio Candido, tal nascimento ocorreu no Arcadismo que é o período literário quando começaram a surgir textos genuinamente brasileiros¹. Diferente de Candido, encontra-se Haroldo de Campos, que afirma que nas manifestações barrocas já se encontravam marcas de brasilidade na literatura produzida nessa época.²

O objeto de estudo desta pesquisa é o romance *Dom Casmurro*, que na construção do enredo retrata o panorama da sociedade brasileira da época, em especial da burguesia carioca: família, religião, política e classes sociais. Assim, leitores em geral perceberão que a Bíblia moveu Machado de Assis e contribuiu para que ele censurasse o capricho dos poderosos e delatasse a falta de liberdade religiosa, em uma época em que imperava o catolicismo, na cidade do Rio de Janeiro, com seus ensinamentos patriarcais. O interlocutor ao fazer uma análise inferencial do romance proposto para reflexão, perceberá através de interferência do Intertexto e do Contexto Histórico, que esse tipo de narrativa contém de forma implícita e explícita influência do Discurso Religioso Católico, como modelo literário de conhecimento do mundo pertencente ao Segundo Império – é o que esta

¹ Cf. CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. v.1 e v.2.

² Cf. CAMPOS, Haroldo de. *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos*. Salvador: FCJA, 1989.

investigação objetiva demonstrar. Assim sendo, as marcas religiosas presentes na produção literária machadiana merecem ser estudadas, levando em consideração o fato de que pouco se produziu academicamente sobre esse caráter religioso encontrado na obra em estudo.

Diante do exposto, deseja-se neste trabalho demonstrar as influências do Discurso Religioso Católico em *Dom Casmurro*, observando de maneira epistemológica o texto literário enquanto fenômeno estético. Para isso, torna-se necessário buscar uma metodologia que perceba as relações intertextuais que Machado de Assis estabelece com a Bíblia, além de apontar como o Contexto Discursivo serviu como pano de fundo para a construção das ideologias presentes no romance.

Segundo Heringer “Há na obra de Machado de Assis uma reflexão profunda acerca da religião, que, quando observada através de sua própria escala, torna-se um válido ponto de vista para a abordagem crítica.”³. Sendo assim, a religião é um tema importante nas obras do literato. O universalismo machadiano sempre tem algo a declarar sobre o ser humano pertencente a qualquer religião ou a nenhuma.

A análise proposta aqui é discursiva. Assim, não se realiza levando em consideração aspectos formais, olhando apenas o plano estético, ou estruturalista dividindo as partes para a compreensão de um todo, ou ainda pós-estruturalista que tenta dar conta do que o estruturalismo não consegue explicar. Apesar de todas essas teorias não serem dispensadas, não terão o foco principal.

Em relação à metodologia, o presente trabalho se baseia na análise de fontes bibliográficas de base qualitativa. Nesse sentido, fez-se necessária leitura e pesquisa de uma gama de referencial teórico-metodológico e histórico que serviram de base para as apreciações que foram realizadas. Para isso, foram utilizados os postulados da Análise do Discurso de linha francesa. Dentro dessa linha de análise, para as inferências realizadas, foram empregados, especificamente, dois elementos discursivos: o Intertexto e o Contexto Histórico.

A fim de contribuir para a inferência do romance em apreciação, é importante perceber as relações intertextuais presentes na obra, fazendo alusão a narrativas bíblicas. O conceito de intertextualidade sugere o diálogo entre diversos textos. Assim, diante desses pressupostos, percebe-se a importância do intertexto

³ HERINGER, V. *Diálogos em falência: o sagrado e o profano em Dom Casmurro*. Machado de Assis em linha, ano 3, n. 6, dez. 2010, p. 98.

na construção discursiva. A grande dificuldade diante de uma prática de análise, como a proposta aqui, é conhecer o texto de partida e fazer as conexões dele com o texto utilizado como referência.

Para ampliar as avaliações pretendidas, fez-se necessário ainda observar as ideologias que permeiam o Contexto Histórico de *Dom Casmurro*, pois é no contexto que se vai encontrar um conjunto de elementos que auxilia a análise discursiva. Por conseguinte, o discurso é prática social de constituição de textos; os sujeitos que ocupam uma posição no âmbito social produzem discursos vinculados a determinado tempo, atrelados a locais específicos, revelando situações sócio-históricas determinadas. Por isso então dizer que todo discurso é uma construção social, não particular, e que só pode ser estudado levando em conta em seu contexto histórico-social.

Na construção desse arcabouço teórico-metodológico propõe-se uma discussão entre Michel Pêcheux (1997) e Michel Foucault (1997), ambos autores contemporâneos da Análise do Discurso de filiação francesa. Cada um desses autores proporciona maneiras diferentes de concepção de um mesmo problema. Apesar disso, não há uma “teoria” mais aceita na contemporaneidade.

Com o objetivo de intensificar essa discussão, valeu-se das opiniões de Bakhtin (1998) que são marcadas pela polifonia e intertextualidade. Outrossim, destaca-se Brandão (2004), Dominique Maingueneau (1997), Fiorin (1993), Koch (1997-2003), etc., que são autores renomados da Análise do Discurso de linha francesa, que propõem reflexões pertinentes sobre a temática, oferecendo suporte para a análise proposta neste estudo. E, para examinar o sentido da linguagem, contou-se com as contribuições de Benveniste (1988), que afirma ser a linguagem um campo de descobertas inexauríveis.

Portanto, a fim de se ter um melhor encaminhamento do que se pretendeu pesquisar, o presente trabalho foi organizado em três capítulos. O primeiro apresenta aspectos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa como quadro teórico-metodológico que vai fundamentar as análises sugeridas. Assim sendo, a Análise do Discurso de linha francesa é a disciplina das Ciências da Linguagem habilitada em analisar as formações ideológicas presentes em um texto, entendendo a linguagem como discurso. Para o desenvolvimento de tal prática, deve-se entender o discurso como instância em que se materializa o contanto entre o

linguístico e o não linguístico, como atividade dos sujeitos que interagem em situações concretas.

O segundo começa demonstrando os aspectos religiosos em Machado de Assis através da Teopoética, que procura como área do conhecimento compreender o humano e suas crenças no sagrado. Em seguida, avalia a obra que faz parte do *corpus* desta pesquisa, através das relações intertextuais presentes em *Dom Casmurro*, a fim de se perceber a influência da religião. Para tanto, foi necessário conhecer as narrativas bíblicas como escrito de partida de tal construção intertextual para a construção de sentido do texto em exame.

De tal modo, acredita-se que o literato, mesmo não sendo seguidor de uma religião específica, era leitor da Bíblia, e suas obras foram muito influenciadas por diversas ideologias religiosas, mas principalmente do catolicismo. Logo, Machado de Assis é um escritor que dialoga com textos bíblicos, mesmo sendo um autor considerado anticlerical. E assim, se perpetuou como um homem de seu tempo e do seu país. Dessa maneira, Machado de Assis, ao expor conhecimentos profundos sobre a Bíblia, demonstra ser um leitor atento e crítico do texto sagrado, extraiu elementos que formam a moldura do romance em análise. É necessário ao leitor da obra em apreciação conhecer passagens bíblicas referentes às alusões que o autor faz, para entender a presença desses elementos e o papel que desempenham no contexto em que reaparecem.

O terceiro capítulo inicia discutindo a dessacralização do cosmos em *Dom Casmurro*, aliando a análise do romance a algumas noções de ciências das religiões, utilizando para isso a obra de Mircea Eliade. Dessa forma, deseja-se confirmar que o romance, escrito e publicado no limiar do século XX, ao passo que abrange narrativamente grande parte do século XIX, aprofunda-se numa discussão que contextualiza o que Eliade chamou de "dessacralização do Cosmos". Além disso, apreende-se como se manifesta a dualidade do sagrado e do profano no romance em estudo. Cabe destacar que qualquer desordem no cosmos é símbolo de desacralização; portanto, levantar críticas contra os costumes burgueses, que se consideram religiosos, influenciados por discurso devoção, contribui para Machado de Assis desorganizar o cosmos.

Ao perceber o poder que a religião exerceu na escrita das obras machadianas, principalmente em *Dom Casmurro*, romance em que a tradição religiosa se manifesta com mais evidência, surgiu a necessidade de levantamento

de respostas para a seguinte questão problema: De que maneira o Discurso Religioso Católico influenciou a escrita de *Dom Casmurro*?

Este trabalho é mais um campo que se abre aos estudos religiosos, linguísticos e literários, integrando a linha de pesquisa Análise do Discurso Religioso, em termos de informação e conhecimento, no âmbito de análises de *Dom Casmurro*.

Por meio desta pesquisa pessoas em geral poderão conhecer, através da divulgação acadêmica, as influências religiosas que inspiraram a produção do referido romance de Machado de Assis. Desse modo, estudos assim são necessárias e de grande relevância científica e social.



1 ASPECTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA

Após conceituar a Análise do Discurso de linha francesa, a discussão recai sobre a noção de discurso como construção de sentido entre interlocutores, seguida da formação do sujeito discursivo na Análise do Discurso, o papel da língua na construção do sentido, o intertexto no universo discursivo e, por fim, a Análise do Discurso inserida na situação histórico-social.

1.1 A concepção de Análise do Discurso de linha francesa

A Análise do Discurso de linha francesa é a disciplina das Ciências da Linguagem especializada em analisar, de forma reflexiva, as construções ideológicas presentes em um texto. A proposta de um novo objeto chamado “discurso” surge com Michel Pêcheux na França, em 1969. Contemporâneo a Pêcheux está Michel Foucault, também na França e ao mesmo tempo incomodado por questões semelhantes. Entretanto, a maneira de se compreender o “discurso” de Pêcheux não é a mesma de Foucault. O que se tem são vias diferentes, isto é, distintas possibilidades de concepção de um problema, posto diferentemente por cada autor. Apesar dessa dicotomia entre os dois teóricos, não há uma “teoria” mais aceita atualmente, mas sim caminhos que podem variar de acordo com o tipo de reflexão que propõem.

Na Análise do Discurso de linha francesa, encontram-se três fases distintas: a primeira é a do sujeito “assujeitado” a uma única ideologia, de Pêcheux. A segunda da “dispersão de enunciados”, do “interdiscurso” (existência e entrelaçamento de vários discursos) de Foucault, para o qual não existe um discurso uniforme, oriundo de uma só fonte, já que o sujeito discursivo é uma função e que o indivíduo pode assumir, simultaneamente, mais de uma posição “desconstrução das maquinarias discursivas”, social. A terceira é a fase implementada a partir dos trabalhos de Mikhail Bakhtin, caracterizada pela heterogeneidade dos discursos e marcada pela noção de polifonia e de intertextualidade, visto que o discurso de um mesmo sujeito é “atravessado” por muitos outros discursos, por muitas “vozes”, concordantes ou discordantes.

Por volta dos anos 80 as propostas de Pêcheux vão-se aproximar de outros fundadores. Nos seus últimos escritos, Pêcheux já tende para várias aberturas, deslocando-se da primazia sobre o discurso político, sobre a materialidade escrita, para encontrar outras formas materiais, diferentes regimes de materialidades. A fim de corroborar com esse entendimento, Barbosa afirma:

A Análise de Discurso, de linha francesa, nascida em 1969, diferentemente da linguística e das ciências sociais, focaliza a linguagem em seu funcionamento, o sujeito em interação, (re)produzindo sentido por meio da linguagem em dada situação e contexto histórico. Dessa forma, concebe a relação entre história, sujeito e linguagem, num complexo de que decorre a produção de sentidos⁴.

A Análise do Discurso de linha francesa tem demonstrado ser um campo de pesquisa muito fértil. A gênese Análise do Discurso de linha francesa se dá no momento político e intelectual francês, marcado pela união entre filosofia e prática política. Nesse sentido, essa teoria atravessou fronteiras e movimentou o campo das ciências humanas, constituindo-se hoje numa disciplina interdisciplinar.

Já no Brasil, Piovezani e Sargentini ressaltam que a solidificação da Análise do Discurso incide em um avanço epistemológico e político, caminhos pelos quais é possível entender a sociedade⁵. A Análise do Discurso é implantada em território brasileiro a partir do final dos anos 70, momento em que começa a circular uma considerável diversidade de teorias provenientes de diferentes lugares. Entre elas, destacam-se a Análise do Discurso de linha francesa, a Análise do Discurso anglo-saxã, a Análise da Conversação, a Linguística Textual e a Semiótica greimasiana. Com o avanço dessas teorias, surgem entre essas correntes teóricas alianças e conflitos.

De acordo com Camila de Carli, a primeira instituição brasileira onde a teoria da Análise do Discurso começou a ser estudada foi na Universidade de Campinas⁶. Como estudiosa dessa temática, destaca-se a professora Dr^a. Eni Pulcinelli Orlandi. Foi por intermédio do trabalho dessa pesquisadora que os estudos em Análise do

⁴ BARBOSA, Romilda Meira de Souza. O Sujeito da Prostituição na Mídia. *Web-Revista Discursividade Estudos Linguísticos*, Mato Grosso do Sul, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.uems.br/na/discursividade/>>. Acesso em: 10 fev. 2016, p. 2.

⁵ PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (Org.). *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 11.

⁶ CARLI, Camila de. *Do discurso original ao discurso traduzido: uma análise discursiva de Pedro Páramo, de Juan Fulfo, pelo véis da memória e da subjetividade*. 2013. 81f. Dissertação de Mestrado. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Disponível em: <<http://www.fw.uri.br/NewArquivos/pos/dissertacao/15.pdf>>. Acesso em: 04 mar. 2016.

Discurso se desenvolveram em âmbito nacional. Estudiosos da área declaram que, no Brasil, desde o início, o conflito teórico se deu com a Linguística, sendo a Análise do Discurso incriminada de não dar importância à língua, prendendo-se somente em questões políticas.

A linguística se formou pela concepção da não-transparência da linguagem. Essa concepção é imprescindível para Análise do Discurso, que procura demonstrar que linguagem/pensamento/mundo não é sinônimo um do outro, ou seja, não é uma relação direta que se faz termo a termo. Orlandi evidencia que, para a Análise do Discurso,

- a. a língua tem sua ordem própria mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da linguística, ela introduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem);
- b. a história tem seu real afetado pelo símbolo (os fatos reclamam sentido);
- c. o sujeito da linguagem é descentralizado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia⁷.

Com o intuito de ampliar essa concepção, salienta Amaral:

Os principais estudiosos da Análise do Discurso reuniam reflexões sobre o texto e a história, resultando daí uma análise textual que abarcava a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise, representando um rompimento com o século XIX. Saussure-Marx-Freud são as três bases da proposta de Pêcheux, situando a Análise do Discurso em três regiões do conhecimento: na Linguística – com a problematização do *corte saussureano* – teoria linguística; no Materialismo Histórico por meio da releitura althusseriana de Marx – teoria da sociedade; na Psicanálise por meio da releitura lacaniana de Freud – teoria do inconsciente. Michel Foucault (França, 1926-1984) filósofo, intelectual e polêmico, militante das causas das 'minorias', problematiza sobre a ciência histórica, suas discontinuidades, sua dispersão, que resultará na abertura do conceito de *formação discursiva*, na discussão entre os saberes e os (micros) poderes, na preocupação com a questão da leitura, da interpretação, da memória discursiva. Foucault abordou o discurso, principalmente em *As palavras e as coisas* (1966); *Arqueologia do saber* (1969) e *A ordem do discurso* (1972), de onde vêm vários conceitos para a Análise do Discurso francesa⁸.

Como se percebe, a Análise do Discurso de linha francesa é uma disciplina que precisa ser interpretada no interior de certa tradição. Estabelece-se o encontro de uma conjuntura intelectual, do estruturalismo, de meados da década de 60, com

⁷ ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas-SP: Pontes, 1999, p. 19.

⁸ AMARAL, Nair F. Gurgel. *Um pouco de humor na análise do discurso: resgatando a subjetividade discursiva*. *Revista Primeira Versão*. Porto Velho-RO, ano 1, n. 34, jan. 2002. Disponível em: <http://www.primeiraversao.unir.br/artigos_pdf/numero034Nair.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2016.

uma prática escolar, à explicação de textos presentes sob múltiplas formas no ensino-aprendizagem. A escola francesa, diferente da que foi desenvolvida nos Estados Unidos, fixa-se no discurso escrito, apresentando dessa forma uma preocupação com os propósitos textuais, com a explicação das formas narradas e com o discurso construído. Segundo o ponto de vista de Orlandi,

[...] a AD, como seu próprio nome indica, não se trata de língua, não se trata de gramática, embora todas estas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, percurso, de correr por, de movimento. O discurso é, assim, palavra em movimento, prática de linguagem: com o discurso observa-se o homem falando⁹.

Essa corrente, como já foi explicitada anteriormente, é estruturalista e interage com a linguística e a história, por isso a Análise do Discurso ser conhecida como uma disciplina de base interdisciplinar que utiliza, como material de estudos, elementos que fazem parte da existência humana. Portanto, a Análise do Discurso investiga a época, o lugar, os fatos políticos, as questões religiosas, e tantas outras que servem para analisar a "Formação Discursiva". Esclarece Maingueneau:

A Análise de Discurso não pretende se instruir como especialista da interpretação dominante 'o' sentido dos textos apenas pretende construir procedimentos que exponha o olhar-leitor a níveis opacos, a ação de um sujeito [...] o desafio crucial é o construir interpretações, sem jamais neutralizá-las [...]¹⁰.

Ao buscar uma delimitação relativa à Análise do Discurso, percebe-se que, apesar da polissemia presente no termo, essa se ocupa do sujeito, dos sentidos gerados por ele, na produção do discurso. Logo, pode-se apontar como palavras-chave para descrever essa prática científica nascida no século XX: sujeito. linguagem. história. sentido. Para Maingueneau, a escola francesa da Análise do Discurso filia-se

[...] a uma certa tradição intelectual europeia (e sobretudo da França) acostumada a refletir sobre texto e sobre história [...]; e a uma certa prática escolar que é a da 'explicação de texto' muito em voga na França, do colégio à universidade, nos anos anteriores a 1960.¹¹

⁹ ORLANDI, 1999, p. 15.

¹⁰ MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3 ed. Campinas-SP: Pontes/Unicamp, 1997, p. 11.

¹¹ MAINGUENEAU, 1997, p. 10.

Além disso, evidencia Maingueneau, apoiando-se em Antoine Culioli, que a França é um país onde a literatura exerceu um papel fundamental¹². Logo se deve argumentar e perguntar se a Análise do Discurso não é uma forma de substituir a explicação de textos enquanto exercício escolar. Para tanto, ao fazer uma reflexão sobre essa hipótese, conclui-se que não se pode confundir a Análise do Discurso com uma simples análise de textos.

A Análise do Discurso de linha francesa vai buscar, por meio dos textos impressos tipologicamente mais marcados, os sentidos produzidos pelo sujeito ao elaborar um discurso, suas intenções e a forma como é recebido por quem lê suas palavras. Assim, é por meio da aplicação dessa teoria, que faz parte do quadro teórico-metodológico deste trabalho, que se vai analisar a obra literária em estudo, como parte principal do *corpus* escolhido, contribuindo para o desenvolvimento desta pesquisa.

1.2 A noção de discurso como construção de sentido entre os interlocutores

Como já foi evidenciado, a Análise do Discurso trabalha influenciada por variados campos do conhecimento, rompendo com seus limites, produzindo um novo recorte de disciplinas, constituindo um novo objeto que vai atingir essas formas de conhecimento em seu todo: esse novo elemento é o discurso.

Dessa maneira, não se trata somente da transmissão de informação, muito menos existe linearidade na organização dos elementos da comunicação. Na verdade, a língua não é apenas um código usado entre interlocutores. Assim, não há separação entre emissor e receptor e muito menos se deve pensar que enquanto primeiro um fala, o outro ouve. Eles estão, ao mesmo tempo, realizando o processo de significação e isso não acontece de forma estanque. Diante disso, em vez de mensagem, o que se propõe é pensar em discurso que, de acordo com Orlandi,

[...] não se trata de transmissão de informação apenas, pois no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeito e sentido afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeito e produção de sentido e não meramente transmissão de informação¹³.

¹² CULIOLI, 1990, apud MAINGUENEAU, 1997, p. 10.

¹³ ORLANDI, 1999, p. 21.

O discurso não remete à noção de fala porque não se pretende opô-la à língua como um sistema onde tudo se mantém com sua natureza social e suas constantes. O discurso possui uma regularidade, um funcionamento que é possível perceber sem distanciar o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo e o objetivo, etc. A Análise do Discurso faz outro recorte teórico ao relacionar língua e discurso. Dentro dessa configuração, nem o discurso é visto como uma liberdade em ato, nem mesmo a língua como completamente fechada em si mesma, sem falhas ou imprecisões. Assim, a língua é a condição do discurso. Também importa saber que todo texto é discursivo, portanto, implica considerar o discurso como prática enunciativa. Contudo, argumenta Gregolin que, para Pêcheux, o discurso é diferente do enunciado, que também é distinto de texto que coloca o linguístico em contato com a história¹⁴.

Para a Análise do Discurso, desde a sua fundação, o discurso é compreendido como conceito que não se confunde com o discurso baseado na experiência de um sujeito (*parole* na teoria de Saussure), nem com o texto, muito menos com a função comunicativa. A Análise do Discurso pretende entender o discurso como processo, investigando sobre as condições de sua produção, por meio da pressuposição de que o discurso é determinado pela textura histórico-social que o forma.

É através da manifestação de uma ideologia que se constrói o discurso e esse se materializa através da língua, trabalhando-se dessa forma a teoria língua-discurso-ideologia. Assim, o discurso é o lugar em que se observa essa relação entre língua e ideologia de maneira que se o compreenda. É a palavra em movimento, prática de linguagem. Ao estudar o discurso, percebe-se o homem falando, ou seja, a manifestação do Sujeito Discursivo.

Em *Dom Casmurro*, o sujeito titular é Bentinho, pois por intermédio da voz dele o interlocutor identifica os demais Sujeitos Discursivos, inclusive a própria Capitu, uma encantadora personagem da literatura brasileira, que é silenciada em todo o processo discursivo da narrativa. Dessa forma, o referido narrador tenta se redimir de uma frustração, contando-a enfaticamente sob o formato de memorial de

¹⁴ GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto (Org.). *Análise do Discurso: a materialidade do sentido*. São Carlos: Claraluz, 2001, p. 2.

insinuação, “quase póstumas”¹⁵, como destaca Bosi. Com isso, Bentinho se figura como elemento constitutivo da intriga.

1.3 A formação do sujeito discursivo na Análise do Discurso

O Sujeito Discursivo é considerado a peça fundamental para a Análise do Discurso, porque é por meio dele que se constroem os efeitos de sentido entre interlocutores. É a partir dele que surge o discurso; sem ter domínio sobre o que diz, é determinado, sem se dar conta, a dizer o que seu lugar de formação social impõe que seja dito. Por isso, é o sujeito na Análise do Discurso que carrega as marcas da sociedade de que ele faz parte.

O homem não é apenas uma individualidade que reside em um espírito. A consciência humana é construída por meio do discurso assimilado por cada membro de um grupo social, em que o homem está inserido; por isso, dizer-se que o discurso tem uma função citativa e que a liberdade discursiva é muito pequena, pois o enunciador é suporte da ideologia e seu dizer é, na maioria das vezes, o dizer reproduzido inconsciente de seu grupo social. Nesse sentido, Fiorin ressalta: “Na medida em que o homem é suporte de formações discursivas, não fala, mas é falado por um discurso”¹⁶. A linguagem condensa, cristaliza e reflete as práticas sociais, ela é governada pelas práticas ideológicas.

O sujeito é um ser descentrado, definindo-se como a relação entre o eu e o outro. Assim, o sujeito é constitutivamente heterogêneo, conforme o discurso. Essa heterogeneidade, segundo Brandão, que se apoia em Arthier-Revuz, é uma forma de o sujeito justificar a presença do outro no discurso, com o objetivo de harmonizar as distintas vozes, que estão presentes em seu discurso, numa busca por unidade, mesmo que não aconteça¹⁷.

Ao observar a concepção de sujeito nas três diferentes fases da Análise do Discurso, é importante concluir que, apesar de diferentes, possuem características em comum: o sujeito não é dono da sua vontade, ou seja, existe um sujeito que sofre influências ideológicas e discursivas, ou então se tem um sujeito mergulhado

¹⁵ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 181.

¹⁶ FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993. (Princípios), p. 44.

¹⁷ ARTHIER-REVUZ, 1982, apud BRANDÃO, H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Unicamp, 2004, p. 60.

em sua própria natureza inconsciente. Dessa maneira, o sujeito é formado na Análise do Discurso e, por conseguinte, produz seu discurso, um indivíduo que não é totalmente livre, não é a única fonte de sentido e muito menos a exclusiva nascente de onde surge o discurso. Logo, é pela ligação entre sujeito e Formação Discursiva que se chega a perceber a língua fazendo sentido, enquanto construção simbólica.

1.4 A língua compreendida através da construção de sentido: campo fascinante de achados inesgotáveis

Na verdade, a língua não é apenas um código sem significação, não é somente uma simples transmissão de informação. O fato de fazer parte de um processo da comunicação não significa que a língua sempre vai produzir comunicação. Portanto, a língua serve para comunicar e não-comunicar. Dessa forma, diz-se que as relações de linguagem envolvem sujeito, sentido e efeitos variados, pois é a partir desse princípio que se compreende discurso como efeito de sentido entre os interlocutores.

Na Análise do Discurso, a língua é compreendida fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, que constitui o homem e sua história. Com essa perspectiva, pode-se conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se. Sendo assim, a língua não é tratada como um sistema abstrato, mas como a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentido enquanto parte de suas vidas, conforme sujeito ou parte de uma determinada forma de sociedade. Por isso Fiorin afirma que o componente semântico do discurso é determinado por fatores sociais¹⁸.

Na opinião de alguns indivíduos, a linguagem ideal seria aquela que apresentasse palavra (significante) com apenas um sentido (significado). É uma grande verdade que isso não ocorre em língua nenhuma. As palavras por natureza são enganosas, por serem polissêmicas e plurivalentes. Por conseguinte, muitas se constituem numa constelação de significados. As palavras quando não estão

¹⁸ FIORIN, 1993, p. 53.

inseridas dentro do seu contexto ou situação não possuem significado preciso. Portanto, o que determina o significado das palavras é o Contexto Discursivo.

Na obra de Garcia, há a seguinte citação de Vendryes: “[...] independente do emprego que dela se faça, a palavra existe no espírito com todos os seus significados latentes e virtuais, prontos a servir e a se adaptarem às circunstâncias que a evoquem”¹⁹. Assim sendo, por mais variado que sejam os sentidos das palavras, eles são situados em dois níveis, o da denotação e o da conotação. E conceitua Othon Garcia: “denotação é o elemento estável da significação da palavra, elemento não subjetivo e analisável fora do discurso (= contexto), ao passo que a conotação é constituída pelos elementos subjetivos, que variam segundo o contexto.”²⁰.

Diante do supracitado, vale ressaltar que a palavra em seu sentido conotativo tem uma magia latente, um poder de evocar outras ideias além da que lhe é implícita. Por isso, nenhum dicionário pode dar conta de todos os significados das palavras. A falta de um referente concreto é a causa da imprecisão do sentido das palavras. Assim, elas se tornam difíceis e, às vezes, impossíveis de serem compreendidas dentro do processo comunicativo, pois somente o mundo objetivo é que vai proporcionar à linguagem significação específica. Entretanto, um fator que se deve levar em consideração é que em certas situações e contexto, a linguagem intencional se impõe por si mesma como consequência da própria natureza do assunto.

A linguagem intencional e a tendência a reconhecer apenas os extremos (polarização) constituem um grande problema nos tempos atuais, pois tornam a linguagem mais polissêmica e, conseqüentemente, agrava ainda mais os conflitos e os desentendimentos entre os indivíduos, e em alguns casos, nem sempre é possível diminuir esses riscos. De fato, as palavras são elos numa cadeia de ideias e intenções, interligam-se umas às outras por íntimas relações de sentido. Assim, dissociá-las das frases é desprovê-las da camada de seu significado virtual ou contextual. De acordo com Fiorin,

[...] o sentido do texto não é redutível à soma dos sentidos das palavras que o compõem nem dos enunciados em que os vocábulos se encadeiam, mas

¹⁹ VENDRYES, 1950, apud GARCIA, Othon M. Os sentidos das palavras, p. 155-167. In: *Comunicação em prosa moderna*. 17 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997, p. 158.

²⁰ GARCIA, 1997, p. 161.

que decorre de uma articulação dos elementos que o formam – que existem uma sintaxe e uma semântica do discurso²¹.

De tal modo, olhar para o texto discursivo como um arranjo de palavras, que constitui uma unidade de sentidos inesgotável, é um fator fundamental para a compreensão do discurso que, por ser considerado aberto, não possibilita qualquer tipo de interpretação. Então, ao dizer que um texto é aberto e proporciona diversas leituras, isso quer dizer que admite mais de uma e não toda ou qualquer leitura que se queira fazer. As diversas leituras que o texto oferece, já estão nele inscrita como possibilidade; assim, o texto que admite muitas interpretações possui indicadores polissêmicos. Logo, afirma-se que as diversas leituras que o texto proporciona não são feitas a partir do arbítrio do leitor, mas das virtudes significativas presentes no texto. E Orlandi assevera:

[...] o sentido das palavras não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daquele que as empregam. Elas 'tiram' seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formas ideológicas nas quais essas posições se inscrevem²².

Portanto, as palavras falam com as outras palavras. E toda palavra é sempre parte de um discurso, ou seja, as palavras recebem seus sentidos de formação discursiva em suas relações. Ainda, conforme evidencia Orlandi, firmando-se em Pêcheux,

O sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; e é por esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (*metaphora*), que elementos significativos passam a se confrontar, de como que se revestem de um sentido²³.

Um último fator a ser considerado é que a incompletude é uma característica da linguagem; por isso, nem o discurso, nem os sentidos já estão prontos e acabados; nesse sentido, eles estão em constante processo de construção. O analista necessita compreender como o texto produz sentido, o que implica saber como pode ser lido e como os sentidos estão presentes nele. Para tanto, o analista

²¹ FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do discurso*. 14 ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 44.

²² ORLANDI, 1999, p. 43.

²³ PÊCHEUX, 1975, apud ORLANDI, 1999, p. 44.

precisa penetrar nas entrelinhas do texto na tentativa de desvendar mensagens linguísticas que estão implícitas, ou seja, o não dito.

Tais informações que se manifestam no infratexto não podem ser percebidas apenas pelo sentido literal do texto, são mensagens indiretas. Na opinião de Rodolfo Ilari, “[...] esses implícitos só podem ser descobertos por um trabalho de conjectura feito a partir de uma avaliação global da situação comunicativa [...]”²⁴. Assim, na Análise do Discurso, o texto não é o ponto de partida absoluto. Como salienta Orlandi: “Um texto é só uma peça de linguagem de um processo discursivo bem mais abrangente e é assim que precisa ser considerado. Ele é um exemplar do discurso”²⁵.

Feita a análise, não é sobre o texto que vai falar o analista, e sim a respeito do discurso, que, por sua vez, proporcionará a compreensão de todo um processo discursivo bem mais amplo. Diante disso, o leitor, ao fazer um exame inferencial do romance proposto para reflexão neste trabalho, perceberá através das relações intertextuais e do contexto histórico discursivo que o tipo de narrativa em estudo contém de forma implícita influências do Discurso Religioso Católico.

Leitores em geral perceberão que a Bíblia moveu Machado de Assis e contribuiu para que ele censurasse o capricho dos poderosos e delatasse a falta de liberdade religiosa, em uma época em que imperava o Catolicismo romano, na cidade do Rio de Janeiro, com seus ensinamentos patriarcais.

Para Heringer, “o diálogo da obra de Machado de Assis com a religião foi contínuo e raras vezes pacífico. A tradição religiosa se faz presente, das mais diversas formas, em inúmeras vezes na obra em estudo do autor.”²⁶. Sendo assim, para além do biográfico e do histórico, há na obra machadiana uma reflexão profunda acerca da religião, que, quando observada através de sua própria escala, torna-se um válido ponto de vista para a abordagem crítica.

Igualmente, acredita-se que Machado de Assis, mesmo não sendo religioso, era leitor da Bíblia, e suas obras foram muito influenciadas por diversas ideologias religiosas. Brum assegura que o referido autor conviveu com toda crise religiosa do

²⁴ ILARI, Rodolfo. Implícito II. In: *Introdução à Semântica: brincando com a gramática*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 92.

²⁵ ORLANDI, 1999, p. 73.

²⁶ HERINGER, 2010, p. 98.

Segundo Reinado e sobre ela se manifestou e se ficcionou²⁷. E assim, se perpetuou como um homem de seu tempo e do seu país.

É por isso que se verifica em *Dom Casmurro*, com nitidez, influências do Discurso Religioso Católico na construção do enredo do romance, em especial a dualidade. Em suas personagens femininas, pode-se encontrar muito da dimensão da dinâmica da graça e do pecado, que formam o tecido mais íntimo da humanidade. No caso de Capitu, na percepção de Bosi, tudo nela sugere o engano, em especial quando Bento Santiago declara que possuía “olhos de ressaca oblíquos e dissimulados”²⁸ – mesmo que ela não tenha cometido o adultério.

1.5 O intertexto no universo discursivo

O intertexto é um elemento que contribui para a compreensão do sentido global de um texto. A intertextualidade, por sua vez, é um fator de coerência textual muito importante, porque possibilita ao receptor, em seu processo cognitivo de entendimento de um texto, recorrer ao conhecimento prévio de outro texto.

A história do termo intertextualidade está cunhada ao formalismo russo. Nesse sentido, foi Tynianov, de acordo com Luisa Lobo, quem “primeiro percebeu o diálogo entre textos dentro do sistema literário [...]. A ideia de ‘dominante’ foi proposta por Roman Jakobson, [...] ela regulamenta, determina e transforma os seus outros componentes.”²⁹. Na percepção de Koch, apoiando-se em Barthes,

O texto distribui a língua. Uma das suas vias dessa construção é a de permutar textos a fragmentos de textos, que existiriam ou existem ao redor do texto considerado, e, por fim, dentro dele mesmo; todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variados, sob formas mais ou menos reconhecíveis³⁰.

Em diversas práticas cotidianas de linguagem, não se observa o quanto os enunciadores fazem uso dessa rede de relação entre textos, ao elaborar os seus próprios textos. Por sua vez, os leitores/receptores não percebem que, ao

²⁷ BRUM, Fernando Machado. *Literatura e religião: estudo das referências religiosas na obra de Machado de Assis*. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

²⁸ BOSI, 2006, p. 181.

²⁹ LOBO, Luiza. Antiépica e modernidade, p. 09-23. In: *Ipotesi: Revista de Estudos Literários*, Juiz de Fora, vol. 1, n. 1, 1997, p. 18.

³⁰ BARTHES, 1974, apud KOCH, Ingedore Villaça. A construção de sentido no texto: intertextualidade e polifonia, p. 59-74. In: *O texto e a construção de sentido*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 59.

processarem o que leem ou ouvem, geralmente utilizam desse conhecimento sobre outros textos, com o intuito de construir sentido global a diversas formas textuais com as quais estão em contato. Outra vez, evidencia Koch:

[...] todo texto é um objeto heterogêneo que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude ou a que se opõe. [...]. Essas formas de relacionamento entre textos são, como se verá, bastante variadas³¹.

Nesse sentido, Lobo ressalta que Júlia Kristeva em 1986 percebeu, ao analisar *A Palavra poética de Dostoievski*, a partir do dialogismo, que “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é absorção e transformação de um texto em outro”³². E para ratificar esse conceito, vale ressaltar também, por intermédio de Santiago, as palavras do poeta simbolista francês Paul Valéry que declara: “O leão é feito de carneiros assimilados”³³. Portanto, diante de tais pressupostos, entende-se a importância do intertexto no universo discursivo.

No intertexto, ocorre a adesão, a captação do que é dito em outro texto, com algumas modalizações, ou seja, uma retomada por motivos diferentes. Contudo, não se pode negar que todo texto é elaborado a partir de um texto já existente. Por isso, Marcuschi ressalta que “há um consenso quanto ao fato de admitir que todos os textos comungam com outros textos, ou seja, não existem textos que não mantenham algum aspecto intertextual, pois nenhum texto se acha isolado e solitário”³⁴. É dessa forma que esses textos, de certo domínio público, revelam um pouco da habilidade do produtor em brincar com a linguagem, de se utilizar dela com grande desenvoltura para conseguir os efeitos estilísticos desejados.

Machado de Assis, em seus romances, fez uso desse recurso. Para tanto, utilizou-se de vários intertextos, mas principalmente dos que faziam referência à Bíblia. Igualmente, o referido romancista revelou ser um leitor das Escrituras Sagradas. No que concerne ao campo da recepção, conhecer o texto de partida possibilita ao leitor observar esse jogo e ter uma compreensão melhor do texto produzido, mas isso não significa dizer que ele não será capaz de compreendê-lo

³¹ KOCH, 2008, p. 59.

³² JÚLIA KRISTEVA, 1969, apud LOBO, 1997, p. 18.

³³ PAUL VALÉRY, 1957, apud SANTIAGO, Silvano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 19.

³⁴ MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008, p. 129.

caso não conheça o texto de partida. Logo, se não houver percepção, o receptor vai encarar o texto como algo novo, atribuindo-lhe o sentido global de ser produzido.

Conforme ilustram Mussalin e Bentes, “Um exemplo dessa possibilidade de leitura é o desenho *Os Simpson*. Nos desenhos da série, acontecem remessas a outros textos, principalmente a filmes, quase no sentido de parodiá-los, ironizá-los.”³⁵. Desse modo, uma criança que assistir ao desenho, provavelmente, não estabelecerá relações intertextuais, já que os textos retomados não são de seu conhecimento. Entretanto, dificilmente deixará de atribuir um sentido ao episódio.

Sabe-se que o estabelecimento de relações intertextuais exige um conhecimento prévio e consciente dos textos de partida por parte do receptor. Para ampliar tal entendimento faz-se necessário destacar que a percepção do intertexto possibilita uma leitura em um nível mais profundo do texto. Esse fenômeno da intertextualidade é muito comum entre as matérias jornalísticas de um mesmo dia ou de uma mesma semana, nas músicas populares, narrativas orais, em nossas apropriações de provérbios e ditos populares, em textos literários, publicitários etc. Isso porque um discurso remete a outro, de maneira em que o que se tem a contar traz, pelo menos em partes fragmentadas ou não, um já dito. Confirma Marcuschi:

Faculdade Unida de Vitória

Numa proveitosa leitura de reflexão sobre a intertextualidade e sua relação com a polifonia, Koch (1991, p. 529-541) lembra uma passagem de Barthes (1974) quando este afirma que ‘todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis’. Nesse caso, todos os textos teriam uma configuração heterogênea. Para Barthes, o intertexto é um campo geral de fórmulas anônimas, cuja origem raramente é recuperável, de citações inconsistentes ou automáticas, feitas sem aspas³⁶.

Desenvolvendo a temática em discussão, vale destacar que alguns autores afirmam que as relações intertextuais podem ser explícitas ou implícitas. A explícita acontece quando o autor faz referência ao texto de partida, e a implícita quando o autor não faz referência ao texto de partida. Nesses casos, cabe ao receptor ter conhecimento prévio para recuperá-la. Diante dessa tentativa, pode também ocorrer a pressuposição de que o receptor, ao acionar seus conhecimentos prévios sobre o texto de partida ao qual o título remete, produz uma imagem positiva em relação ao

³⁵ MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. Linguística Textual. In: *Introdução à linguística: domínio e fronteiras*. v. 2. São Paulo: Cortez, 2001, p. 271.

³⁶ MARCUSCHI, 2008, p. 131.

produtor do texto, pelo fato de perceber certa criatividade na produção do gênero textual em questão.

Ainda em relação à construção de sentidos, cabe explicitar que, ao compreender o conceito de intertexto de um discurso como o conjunto dos fragmentos que ele cita frequentemente, verifica-se que, na medida em que se retiram de um discurso fragmentos para introduzir em outro discurso, mudam as condições de produção. Logo, a significação desses fragmentos ganha novas formas semânticas.

A intertextualidade no universo discursivo pode ser em sentido amplo ou restrito. No sentido amplo, aproxima-se do que a Análise do Discurso chama de interdiscursividade, que é uma resposta direta a outro discurso na medida em que um sujeito toma posição, construindo ou destruindo argumentos. De acordo com Koch, Pêcheux afirma que “Assim é que o processo discursivo não tem de direito um início: o discurso se estabelece sempre sobre um discurso prévio [...]”³⁷. A interdiscursividade é uma produção de intertexto “profunda”, por se tratar de textos que participam do processo de produção de outros textos, não atinge nunca, ou raramente, a consumação social dos discursos.

Em sentido restrito, a intertextualidade, está estruturada a partir da relação entre textos previamente existentes, pois se podem encontrar num texto elementos anteriormente estruturados, que estão além dos lexemas. Assim, essas manifestações da intertextualidade são instrumentos indispensáveis para a construção da coesão textual e, conseqüentemente, para a produção do sentido global de um texto (coerência), possibilitando uma compreensão/leitura em um nível mais elevado. Como já foi salientado, é justamente isso que acontece com um leitor/receptor machadiano que possui conhecimento das Escrituras Sagradas.

Assim, este trabalho, ao realizar as análises sugeridas, faz uso da intertextualidade, implícito em sentido restrito, que, por sua vez, na concepção de Koch, Bentes e Cavalcante,

Retomando a classificação de Genette, na intertextualidade restrita, que compreenderiam as relações de co-presença entre textos, o autor inclui ainda, além da citação, a alusão e o plágio. A alusão para o autor se dá quando um enunciador supõe a presença de uma relação entre ele e um

³⁷ PÊCHEUX, 1969, apud KOCH, 2008, p. 60.

outro ao qual remete tal ou tal de suas inflexões, que só são reconhecíveis para quem tem conhecimento do texto-fonte³⁸.

Na intertextualidade implícita, em sentido restrito, a descoberta do texto de partida é fundamental para a construção de sentido. Essa possibilidade de desvendamento, através de processamentos textuais, não é difícil de ser realizada, em especial quando se trata de obras literárias clássicas, porém depende da intensidade dos conhecimentos que o interlocutor possui armazenada em sua memória. Além disso, é interessante perceber que na intertextualidade se encontram estratégias de manipulação.

De novo Koch, Bentes e Cavalcante, ratificando as palavras de Bauman e Briggs, alegam que a criação de relações intertextuais por meio da manipulação, serve para causar ordenação, unidades e limites para o texto, mas também para mostrar seu estilo fragmentado, heterogêneo e aberto³⁹. Portanto, ao se criar um enunciado, o emissor o faz de forma persuasiva, procura estruturá-lo de maneira que o receptor aceite o que ele diz, à medida que realiza as inferências. A fim de exercer a persuasão, o emissor utiliza-se de um conjunto de procedimentos argumentativos que se torna parte integrante das relações entre o emissor e o receptor. Conforme explica Fiorin,

A finalidade última de todo ato de comunicação não é informar, mas persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado. Por isso, o ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação com vista a fazer o enunciatário crer naquilo que se transmite. Por isso, ele é sempre persuasão⁴⁰.

Essas estratégias de manipulação podem ser denominadas genéricas ou tipológicas. A tipológica, utilizada como instrumento de análise nesta pesquisa, foca a aproximação ou o distanciamento que o produtor de um texto utiliza em determinados tipos textuais, provocando importantes efeitos, diminuindo a distância entre o texto-fonte e o tipo ao qual aquela produção discursiva se vincula.

Dentro das estratégias de manipulação, encontram-se as características tipológicas, em relação às narrativas, na figura do narrador, que, podendo ser de 1ª pessoa, deseja convencer o receptor de que os fatos que estão sendo narrados

³⁸ KOCH, Ingedore G.; BENTES, Ana Christina II; CAVALCANTE, Mônica M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 123.

³⁹ BRAUMAN; BRIGGS, 1995, apud KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008, p. 89.

⁴⁰ FIORIN, 2008, p. 75.

ocorreram naquele formato, sem que se conheça a voz de outro sujeito dentro desse discurso. Diferente do narrador em 3ª pessoa, que não deixa de ter características manipuladoras, porém tenta convencer o receptor de que não está criando a ilusão de contar uma estória que é apenas sua, “colocando em cena”⁴¹, os discursos das personagens, como evidenciam Koch, Bentes e Cavalcante.

Outro recurso utilizado pelo narrador como estratégia de manipulação é o uso do poder de argumentação presente nas narrativas de 1ª pessoa, a fim de convencer o receptor de que a história contada é de fato verdadeira, e isso pode ser provado pelos argumentos que sustentam as ocorrências dos fatos narrados, revelando, assim, uma grande proximidade com o receptor, na tentativa de estabelecer com ele uma relação quase que de cumplicidade.

Tal ocorrência fica evidente em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Bento Santiago, protagonista e narrador dessa história, conta-a em 1ª pessoa, não permitindo ao leitor conhecer a versão de sua esposa, Capitolina. Para tanto, utiliza, como bom advogado, argumentos bem estruturados, lutando a favor de interesses pessoais. Como se observa, esse hibridismo tipológico está presente em todas as narrativas, acontecendo de acordo com a intencionalidade discursiva de cada autor. Ela permite a compreensão do complexo trabalho do sujeito sobre o que pretende dizer de suas ações/produções textuais discursivas.

Salienta Marcuschi: “O certo é que ninguém produz textos para não dizer absolutamente nada [...]. A informação é um tipo de conteúdo apresentado ao leitor/ouvinte, mas não é algo óbvio.”⁴². Assim sendo, é através da inferência que se produz uma interpretação, uma construção de significado integral que vai além do arranjo de palavras. Esse significado desperta o leitor, na produção discursiva, para algo que com simples olhares não seria possível dar ao texto uma compreensão dotada de sentidos. Logo, para alcançar esse objetivo, será preciso que o leitor ponha em funcionamento todos os componentes e estratégias cognitivas que tem à disposição. Ressalta Malinowski na concepção de Koch e Travaglia:

Quase todos os textos que lemos ou ouvimos exigem que façamos uma série de inferências para podermos compreendê-lo integralmente. Se assim não fosse, nossos textos teriam que ser excessivamente longos para poderem explicar tudo o que queremos comunicar. Na verdade é assim: todo texto assemelha-se a um *iceberg* – o que fica à tona, isto é, o que é explicado no texto, é apenas uma parte daquilo que fica submerso, ou seja,

⁴¹ KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008, p. 107.

⁴² MARCUSCHI, 2008, p. 132.

implícito. Compete, portanto, ao receptor ser capaz de atingir os diversos níveis de implícito, se quiser alcançar uma compreensão mais profunda do texto que ouve ou lê⁴³.

Nesse sentido, compete ao leitor alcançar a completude discursiva, buscando a significação integral de um texto, dentro do processo de assimilação de textos, seguindo os postulados da Análise do Discurso de linha francesa. É esse, pois, o método de análise proposto neste trabalho que possibilita inferir que Machado de Assis traz para dentro do universo dele o componente da religião, que não pode faltar em alguém que, como ele, escreve seus romances por meio de uma avaliação profunda da alma humana, apesar de não ter priorizado em sua vida a prática religiosa, sendo completamente cético.

1.6 A Análise do Discurso e a situação histórico-social

Para Pêcheux,

Do ponto de vista discursivo, as palavras, os textos, são partes de formações discursivas [...] como as formações discursivas determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada em conjuntura dada, assim é que se considera o discurso como fenômeno social⁴⁴.

Portanto, o discurso é uma prática/construção social, e não individual – e que só pode ser analisado considerando seu contexto histórico-social, pois é nesse que se vai encontrar um conjunto de informações que auxiliará a análise discursiva. Nesse sentido, o contexto é um dos principais elementos de coesão textual, seja ele escrito seja oral. Malinowski, citado por Koch, alega:

Um enunciado só se torna inteligível quando colocado dentro de seu contexto de situação, se me é permitido cunhar uma expressão que indique, por outro lado, que a concepção de contexto precisa ser ampliada e, por outro, que a situação em que as palavras são usadas jamais poderá ser descartada como irrelevante para a expressão linguística. Podemos ver o quanto a noção de contexto necessita ser substancialmente ampliada se quisermos que ela tenha plena utilidade. De fato, ela deve ultrapassar os limites da mera linguística e ser alcançada a análise das condições gerais sob as quais uma língua é falada⁴⁵.

⁴³ MALINOWSKI, 1923, apud KOCH, Ingedore G.; TRAVAGLIA, Luiz C. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.

⁴⁴ PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: UNICAMP, 1990. p. 160.

⁴⁵ MALINOWSKI, 1923, apud KOCH, Ingedore Villaça. Texto e contexto. In: *Desvendando os segredos do texto*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003, p. 21.

Contexto é a situação histórico-social de um discurso, envolvendo não somente as instituições humanas, como ainda outros textos que sejam produzidos em volta dele e com ele se relacionem, os intertextos. Para Koch: “[...] nenhuma análise linguística [...] pode ser feita sem levar em conta ou fazer intervir, em alguns momentos, elementos exteriores aos dados ou fatos linguísticos analisados”⁴⁶, pois se mudarem os elementos exteriores serão alteradas as possibilidades significativas. Assim, os valores significativos têm que estar em concordância com a situação sócio-histórica: quem fala, o que e para quem se fala, quando, onde, em que condição, com que propósito, etc. Todavia, o efeito de sentido de uma sequência pode ser diferente de acordo com quem produz.

A determinação sócio-histórico-ideológica no contexto de produção do texto afeta não só o efeito de sentido, mas também a possibilidade de produzir o texto em dada situação, porque, de acordo com a mensagem transmitida, a sua decodificação, em algumas situações, pode causar uma grande confusão. Modificação no contexto pode implicar, dependendo do caso, alteração de sentido. Diante disso, é importante entender ainda que tudo depende do grau de desenvolvimento da competência comunicativa, da habilidade de uso dos elementos da língua para a comunicação e do controle que se tem dos fatores que podem afetar o efeito de sentido que se pretende produzir.

Na análise de um discurso, é necessário, de imediato, saber que há um enunciador, um sujeito com determinada identidade social e histórica e, a partir daí, situar o discurso como compartilhando dessa identidade. É nesse sentido que a teoria do discurso aponta que a exterioridade social, por intermédio da história de uma comunidade, determina os processos semânticos e, conseqüentemente, essa exterioridade sócio-histórica, por ser constitutiva da linguagem, manifesta-se no texto. Logo, é a contextualização que a sequência linguística permite.

Na definição de discurso, explicita-se que as condições de produção eram a exterioridade, o sujeito e as regularidades linguísticas. A exterioridade é formada pelo que se denomina de contexto. Segundo Orlandi o contexto,

[...] inclui tanto os fatores da situação imediata (contexto de situação no sentido escrito) como os fatores do contexto sócio-histórico e ideológico (contexto da situação no sentido lato) [...] o contexto de situação (ou

⁴⁶ KOCH, 2003, p. 25.

situação imediata de comunicação ou situação de enunciação) é aquela situação mais bem definida de interação comunicativa⁴⁷.

Assim, vale destacar que o contexto é de fundamental importância. Alguns estudiosos dizem que ele é a moldura de um texto. Ele envolve tantos elementos da realidade do enunciador quanto do receptor. Sendo assim, a análise desses elementos ajuda a determinar os sentidos, que são dependentes da situação em que se constrói, e em relação à qual se produz o texto. Ao tomar o contexto como elemento indispensável para compreensão textual, é importante levar em consideração a influência de dois tipos de informações contextuais: extralinguístico e metalinguístico. Desse modo, entende-se que o contexto extralinguístico está relacionado a informações que estão além do texto: conhecimento de mundo, experiências e vivências dos envolvidos no processo interpretativo; já o contexto metalinguístico se relaciona à capacidade de entendimento da linguagem, ou seja, ao conhecimento pragmático.

Textos mais complexos exigem um conhecimento maior sobre o Contexto Discursivo em que estão inseridos. Se o leitor não possui informações sobre esse contexto, corre o risco de realizar uma má inferência do texto. Todos os textos, em alguma medida, são opacos e carecem de uma compreensão do contexto situacional, esclarece Marcuschi. Isso acontece também com frases comuns⁴⁸. Embora não percebamos, o contexto atua justificando o sentido do texto, em especial, quando em um enunciado encontra-se a presença de dêiticos, que somente pela interferência do contexto imediato se entende a mensagem transmitida. Evidencia Travaglia:

O(s) efeito(s) de sentido produzido(s) por uma sequência linguística depende(m) também do(s) produtor(es) do texto e do(s) receptor(es) real(reais) ou pretendido(s). Eles são os sujeitos da interação comunicativa. Os sujeitos do discurso [...], não são tomados como elementos empíricos, mas como formações imaginárias, isto é, como imagens que a sociedade faz desses sujeitos dentro de sua formação histórica e ideológica, enquanto 'posições de sujeito' ou 'lugares sociais' [...]⁴⁹.

Diante do supracitado, deve-se levar em consideração a possibilidade de um indivíduo estar tão interligado ao contexto em que está inserido e não perceber no

⁴⁷ ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1987. p. 30-31.

⁴⁸ MARCUSCHI, 2008, p. 247.

⁴⁹ TRAVAGLIA. O texto e o discurso. In: *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2000, p. 89.

texto o modo de dizer, o quanto o sentido que ele adquire depende dessa sociedade, ou seja, de fatores sócio-histórico-ideológico. Por isso, ser importante uma análise de mudanças ocorridas na história e também fazer comparação com outras línguas e sociedades. Novamente, evidencia Travaglia:

Em todos os elementos constitutivos de nossa língua há a influência da forma como a nossa sociedade estruturou a visão dos fatos, a perspectiva de que os veem [...] uma vez que, dada a nossa imersão total na exterioridade, no contexto sócio-histórico-ideológico, constitutivo dos processos de significação de nossa língua, dificilmente percebemos a determinação que acontece e seu estado atual⁵⁰.

Os textos de crítica social, por sua característica de reversão do social e ironia (ao criticar a sociedade e/ou subverter a ordem social), geralmente são capazes de se fazer visualizar o que normalmente não se vê. Isso acontece para justificar o que foi citado anteriormente. Portanto, em qualquer expressão, mesmo nas consideradas mais comuns do dia a dia, a determinação sócio-histórico-ideológica se faz presente. Expandindo essa linha de raciocínio, cabe salientar que existem várias concepções de contexto; portanto, tais concepções variam de autor para autor como de um mesmo autor que utiliza o termo de várias formas, sem se dar conta.

Ainda convém destacar que, na concepção de Koch, foi Malinowski, em 1923, quem criou os termos “contexto de situação” e “contexto de história”, apesar de não ter proposto um modelo de como o contexto é determinado e do papel que desempenha na interpretação dos enunciados⁵¹. Assim, com o objetivo de ampliar esse raciocínio, vale ressaltar que o contexto imediato – é o sentido restrito da situação comunicativa, e o contexto de história pode ser entendido em um sentido mais amplo, ou seja, o contexto sócio-político-cultural.

De novo, Koch, corroborando com Malinowski, afirma que foi Firth, em 1957, quem deu grande ênfase ao “contexto social”⁵². Defendia a posição de que palavras e sentenças não têm sentido em si mesmas, fora de seus contextos de uso. E depois vários linguistas envolvidos com a sociolinguística (Halliday, Labov), se voltaram para essa questão de contexto. Lembra Koch que Hymes também propunha inferências que levassem em consideração o contexto de situação; para

⁵⁰ TRAVAGLIA, 2000, p. 77.

⁵¹ MALINOWSKI, 1923, apud KOCH, 2003, p. 22.

⁵² MALINOWSKI, 1923, apud KOCH, 2003, p. 22.

tanto, sugere uma matriz de traços etnológicos – o esquema SPEAKING – que permitiria caracterizar o contexto⁵³. Hymes, nas palavras de Koch, explica:

S – Situação: cenário, lugar; P – Participantes: falante, ouvinte; E – Fins, propósitos, resultados; A – Sequência de atos: forma da mensagem/forma do conteúdo; K – Código; I – Instrumentais: canal/forma de fala; N – Normas: normas de interação/norma de interpretação; G – Gêneros⁵⁴.

O contexto foi um objeto que passou a ser valorizado a partir da terceira fase de ampliação do objeto de análise da Linguística Textual, cujo âmbito de investigação se estende do texto ao contexto, que pode ser entendido de modo geral, como conjunto de condições externas da produção, recepção e interpretação dos textos. Goodwin e Duranti, citados por Koch, lecionam que

[...] a análise do contexto deve seguir: 1 – cenário; 2 – entorno sócio comunicativo; 3 – a própria linguagem como contexto – o modo como a fala mesma simultaneamente invoca contexto e fornece contexto para outra fala; isto é, a própria fala constitui um recurso dos mais importantes para a organização do contexto; 4 – conhecimentos prévios; 5 – contexto analisado como um modo de práxis interativamente constituído: evento focal e contexto estão numa relação de figura-fundo⁵⁵.

Diante desses princípios propostos, cabe ressaltar que foi necessário percorrer um caminho longo para se chegar à concepção de contexto hoje dominante. Tal visão é corroborada mais uma vez por Koch ao evidenciar que

O contexto, da forma como é hoje entendido no interior da Linguística Textual, abrange, portanto, não só o co-texto, como a situação de interação imediata, a situação mediata (entorno sociopolítico-cultural) e também o contexto sociocomunicativo dos interlocutores que, na verdade, subsume os demais. Ele engloba todos os tipos de conhecimentos arquivados na memória dos actantes sociais, que necessitam ser mobilizados por ocasiões do intercâmbio verbal⁵⁶.

Há um consenso sobre a noção de contexto: a de que é possível considerar as unidades linguísticas isoladas, porém que tal análise é insuficiente e que é necessário levar em consideração outros fatores externos, isto é, o contexto. Portanto, isso significa que uma análise de unidades linguística não deve ser feita de forma isolada, mas em agrupamentos, em combinação, funcionamento com outros elementos, já que não há discurso efetivo fora de contexto. Esse fator é evidenciado

⁵³ HYMES, 1964, apud KOCH, 2003, p. 22.

⁵⁴ HYMES, 1964, apud KOCH, 2003, p. 22.

⁵⁵ GOODWIN; DURANTI E GOFFMAN, 1992, apud KOCH, 2003, p. 23.

⁵⁶ KOCH, 2003, p. 23.

quando se faz leitura e apreciação de romances da literatura clássica. Esse gênero discursivo tem uma ligação muito grande com questões sociais. Assim sendo, qualquer avaliação desse gênero que não leve em consideração o seu Contexto Discursivo produzirá uma análise descontextualizada.

Machado de Assis, em seus romances, utiliza marcas do contexto brasileiro referente à 2ª metade do século XIX, porque foi a época quando conviveu como cidadão e escritor. Ao levar em consideração essa informação, conclui-se que, para os leitores machadianos entenderem melhor os romances do referido autor, necessitariam conhecer o Contexto Discursivo de que o enunciador faz parte. Por exemplo: o período em que o casamento ainda era visto como um dos maiores valores da burguesia. A traição não poderia acontecer, muito menos praticada por uma mulher, visto que a ideologia da escola literária anterior reforçou a prática de exaltação da figura feminina, valorização da religiosidade e, conseqüentemente, da fidelidade conjugal. Existia até então a imagem do amor platônico, a literatura não registrava que a mulher praticasse sexo.

Além disso, nos romances ficcionais, as relações amorosas costumavam terminar com um final feliz. Sendo assim, escrever um romance que denunciasse uma possível traição dentro de um casamento burguês representava, dentro daquele universo discursivo, o auge da ironia e da transgressão – característica presente na estética realista⁵⁷ que, por seu turno, retratava a imperfeição do ser humano, questionando seus valores morais.

Por isso, então, na construção enunciativa do romance em exame, falar de adultério, deixa clara a fragilidade do caráter das personagens. Para os interlocutores machadianos, a abordagem dessa temática ainda era muito nova, eles não estavam preparados para receber tamanho absurdo escrito pelo “Bruxo do Cosme Velho”⁵⁸, que possui a capacidade de continuar sua enunciação deixando o leitor com mais dúvidas do que certezas.

⁵⁷ Estética literária inaugurada em 1881 que modificou o curso de nossas letras, negando completamente os ideais românticos. Foi fortemente influenciada pelo positivismo, evolucionismo e principalmente pela filosofia alemã.

⁵⁸ É um estranho apelido de Machado de Assis que ganhou força quando Carlos Drummond de Andrade dedicou o poema “Ao Bruxo, com amor” ao referido autor, publicado em 1959 no livro “A vida passada a limpo”. Tal apelido se deve ao fato de Machado de Assis escrever textos mirabolantes, brincar com as palavras. E “Cosme Velho” era o nome do lugar onde o referido autor morava no Rio de Janeiro.

2 ASPECTOS RELIGIOSOS EM MACHADO DE ASSIS

A Teopoética é uma prática realizada há bastante tempo, ganhando espaço no âmbito acadêmico. Ela consiste em refletir sobre as influências da religião na literatura. Porém, somente a partir de alguns anos que surgiu uma área de pesquisa que vem se consolidando com metodologia específica que possui a finalidade de estudar e procurar entender a forma como acontecem as influências da religião nos textos literários. Essa nova área de estudo tem se destacado nas universidades nos estudos comparativos entre Literatura e Teologia. Sobre a temática, muitos artigos têm sido publicados, principalmente por literatos e teólogos. De acordo com Salma Ferraz⁵⁹,

[...] a *Teopoética* foi proposta por Karl-Josef Kuschel e trata-se de um novo ramo de estudos acadêmicos voltado para o discurso crítico-literário sobre Deus, a análise literária efetivada por meio de uma reflexão teológica, o diálogo interdisciplinar possível entre Teologia e Literatura⁶⁰.

Assim sendo, a teopoética vai se preocupar com estudos literários interpretativos que fazem referência a Deus, ao sagrado, aproximando a literatura com a Bíblia. Tal fato é possível porque texto nenhum constitui um produto inacabado; portanto, todo texto sempre fará referência a outros textos de partida. A esse fenômeno chama-se intertextualidade⁶¹ que é o elemento discursivo utilizado neste capítulo para analisar a obra que faz parte do *corpus* deste trabalho.

Ao pensar nos ganhos por parte da Teologia, deve-se levar em consideração que essa área de estudo pretende, dentre outros propósitos, compreender o humano e sua crença no sagrado e, como salienta Silvana de Gaspari, “a literatura torna-se quase que um arquivo da natureza humana – material precioso para as reflexões de

⁵⁹ Atualmente é professora associada da Universidade Federal de Santa Catarina e atua na Pós Graduação orientando projetos de pesquisa na área de Teopoética. Cf. FERRAZ, Salma. *Revista Doutrina*. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.revistadoutrina.com/salma-ferraz>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

⁶⁰ MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo. O sagrado na poesia e na religião. In: FERRAZ, Salma. *Pólen do divino, textos de teologia e literatura*. Blumenau: Edifurb/Fapesc, 2011, p. 38.

⁶¹ A análise proposta neste capítulo segue os postulados da Análise do Discurso de linha francesa, utilizando o intertexto como elemento discursivo para análise da obra em estudo. De tal modo, objetiva-se compreender os fios que tecem os discursos machadianos, a fim de perceber a influência do Discurso Religioso Católico em *Dom Casmurro*, detendo-se nas análises dos Recortes Discursivos selecionados, que nem sempre seguem a ordem de construção do enredo da narrativa em estudo. Cabe destacar ainda que esses recortes serão citados através de fragmentos dos capítulos que compõem *Dom Casmurro*.

cunho teológico”⁶². A autora ainda menciona que “ler um livro que possua elementos religiosos como conteúdo é, além de entretenimento, ter a possibilidade de analisar seu discurso em função e em comparação com a ideia que temos de Deus e suas implicações na humanidade.”⁶³.

Desse modo, percebe-se que existem variadas maneiras de se estudar as relações de conceitos entre religião e literatura. Contudo, poucos são os pesquisadores que procuram entrelaçar os estudos literários aos religiosos, ainda que a Bíblia seja um livro de referência mundial. Dentre as muitas maneiras de abordagem, existem estudos que tentam compreender questões religiosas por meio da literatura; outros, como este trabalho, reflete sobre a influência da religião em textos literários, sem contar aqueles que estudam as escrituras por intermédio do viés da literatura, porque acreditam que os textos sagrados pertencem a um conjunto de narrativas.

As obras machadianas são textos pertinentes para se refletir sobre a influência da religião na literatura, pois, como alguns biógrafos afirmam, Machado de Assis não foi um homem “alheio à religião”. Talvez o enunciador não tenha sido católico praticante, mas pelo menos respeitou a Igreja de sua iniciação, chegando até mesmo a frequentar algumas missas. Tal afirmação se comprova pelo seu vasto conhecimento da liturgia católica registrada em seus escritos. Ainda, ampliando essa discussão, alega Brum:

Machado deu provas de conhecer a fundo cada um dos mecanismos presentes na religião – em especial a católica – e fazê-los falar na sua obra. Seus contos e romances estão repletos de padres e ritos, mas, mais que isso, estão cheios, direta ou indiretamente, também de passagens bíblicas, imagens da tradição católica e personagens dessa tradição e, ainda, símbolos que se identificam com o pensamento cristão⁶⁴.

Além disso, Machado de Assis, como verdadeiro crítico, realizou severas censuras à Igreja, porque o clero exercia grande poder na sociedade brasileira oitocentista e o referido enunciador não poderia se calar, deixando de abordar esses acontecimentos em suas obras, até porque o Realismo se preocupou em retratar da maneira mais fiel possível a descrição dos problemas sociais. Essas críticas podem ser justificadas nas palavras de Queiroz:

⁶² GASPARI, Silvana de. Tecendo comparações entre teologia e literatura. In FERRAZ, Salma. *Pólen do divino, textos de teologia e literatura*. Blumenau: Edifurb/Fapesc, 2011, p. 127.

⁶³ GASPARI, 2011, p. 126.

⁶⁴ BRUM, 2009, p. 17.

Creemos que, no espaço que vai de 1864 a 1881, Machado sofreu algumas decepções com os dirigentes da Igreja, quando da observação arguta de seus comportamentos antiéticos: inserção na vida laica; inserção na política do compadrio; a ostentação; a ganância; os descumprimentos com os preceitos de caridade, humildade e castidade; bem como a extrema vaidade⁶⁵.

Desiludido com as mudanças que sofria a fé Católica, o enunciador exaltava algumas figuras que faziam parte da história da Igreja, como, por exemplo, Santo Agostinho, a fim de despertar a consciência dos interlocutores nos jornais cariocas. De tal modo, o cronista não ocupava as suas páginas com críticas aos oradores sacros.

Machado de Assis se configurou como escritor de seu tempo, construindo um painel do século XIX em que se descobrem figuras sacras menos autoritárias do que um pai de família. Há também aqueles de benevolência caricata cuja conduta cheia de desejos de aproximação dos fiéis é, antes de tudo, um traço de laicismo e desvio da função evangelizadora, seguindo os apelos do mundo. O referido enunciador possuía uma profunda admiração por São Paulo. Queiroz evidencia esse fato: “Foi na figura de São Paulo que nosso escritor viu o lado heroico e realmente missionário que os anos idos lhe haviam dado a conhecer. Encontram-se, em sua obra, várias referências ao apóstolo santo...”⁶⁶.

Além de tal entusiasmo, Machado de Assis era leitor dos evangelhos, principalmente dos Sermões do Monte. Não como forma de buscar inspiração para o que escrevia. Por certo, como todo homem em fase de transição para a maturidade, possuía um espírito que se debatia entre o bem e o mal. E, por tantas vezes, lia no sentido de esclarecer suas dúvidas e alimentar sua alma com as palavras de Jesus. Em diversas crônicas, o literato registra admiração pelas Sagradas Escrituras, que é um dos livros mais lidos, além de ser o que mais influenciou a cultura, a arte e também a literatura ocidental. Se não fosse Machado de Assis, escritor renomado de seu tempo, não se preocuparia em abordar temáticas bíblicas em suas crônicas, romances, etc.

⁶⁵ QUEIROZ, Maria Eli de. *Machado de Assis e a religião*: considerações acerca da alma machadiana. Aparecida - SP: Ideias & Letras, 2008, p. 101.

⁶⁶ QUEIROZ, 2008, p. 104.

2.1 A religiosidade em “Dom Casmurro”

O Bruxo do Cosme Velho, mesmo não sendo autor de uma literatura que poderia ser reconhecida como “cristã”, apresenta uma vasta obra influenciada por crenças religiosas, especificamente as da Igreja católica e, por isso, o estudo desses aspectos se faz pertinente. Sobre essa ocorrência, Salma Ferraz adverte que

Um dos eixos preferidos na obra de Machado é o constante intertexto com a Bíblia. Isto pode ser constatado em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Dom Casmurro* (1899), *Esaú e Jacó* (1904) e em vários contos. Alguns trabalhos já foram escritos explorando este eixo da obra de Machado, mas talvez fosse o caso de se retomar esta linha de análise, agora com o instrumental teórico correto sobre os estudos comparados entre Teologia e Literatura⁶⁷.

O Brasil, por influência da colonização portuguesa, tornou-se um país predominantemente católico. Tal informação sugere a compreensão do porquê de tantas obras da literatura que fazem parte do cânone apresentarem tendências religiosas. Sobre esse aspecto Silva afirma:

Na verdade, a posição do catolicismo como a religião oficial do Brasil foi assegurada pela *Constituição Política do Império do Brasil (de 25 de março de 1824)*, que diz em seu artigo 5 do Título 1º que ‘A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior do Templo’. Notamos assim que, apesar de garantir o lugar privilegiado do catolicismo, a Constituição de 1824 também assegurava o direito à plurimanifestação de crenças, mesmo exigindo que as demais religiões se restringissem ao ambiente particular ou doméstico. Do mesmo modo, os direitos básicos dos seguidores dessas crenças eram igualmente assegurados no parágrafo V do Título 8º dessa mesma Constituição: ‘Ninguem póde ser perseguido por motivo de Religião, uma vez que respeite a do Estado, e não offenda a Moral Publica.’⁶⁸.

Portanto, embora o Brasil manifestasse o catolicismo como religião oficial, até mesmo a Constituição reconhecia a existência de variadas crenças no Brasil do século XIX e exigia o mínimo de respeito para os seus praticantes. Dentro desse cenário, encontra-se Machado de Assis, que, como escritor realista brasileiro, era completamente anticlerical. Suas obras são permeadas de crítica ao clero em geral, análises do comportamento de sacerdotes que não se dedicavam à função

⁶⁷ FERRAZ, 2012, p. 45.

⁶⁸ SILVA, Welton Pereira e. Um estudo sobre a representação do sagrado religioso em Esaú e Jacó de Machado de Assis, p. 1-14. *Littera Online*. Maranhão, n. 9, v. 6, 2015, p. 6. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/littera/issue/view/252>>. Acesso em: 26 fev. 2017.

missionária e se prendiam na política e favorecendo-se dela. Tal fato se evidencia em uma conversa entre José Dias e tio Cosme, no capítulo III, narrada pelo Sujeito Discursivo titular de *Dom Casmurro*:

Bem, uma vez que não perdeu a ideia de o fazer padre tem-se ganho o principal. Bentinho há de satisfazer aos desejos de sua mãe. E depois a igreja brasileira tem altos destinos. Não esqueçamos que um bispo presidiu a Constituinte, e que o padre Feijó governou o império [...]⁶⁹.

Os Sujeitos Discursivos Católicos machadianos espelharam a sociedade da época, principalmente as femininas que perdem as raízes cristãs e o temor a Deus. Nas mulheres machadianas, visualiza-se o pecado convivendo com o ridículo marcado pela transferência de culpa, mas o perfil simpático construído pelo enunciador faz com que o interlocutor concorde com a violação dos preceitos católicos. Os mandamentos da “Santa Madre Igreja” não passam de rituais sem religiosidade. As promessas são tentativas de permuta com Deus, como se Deus não se importasse de ser enganado. A esse respeito, vale destacar o fragmento inserto no capítulo XX, quando Bentinho, tentando se livrar do seminários com a ajuda de José Dias, falou das promessas que tinha feito e não havia cumprido:

Prometo rezar mil padre-nossos e mil ave-marias, se José arranjar que eu não vá para o seminário. A soma era enorme. A razão é que eu andava carregado de promessas não cumpridas. A última foi de duzentos padre-nossos e duzentas ave-marias, se não chovesse em certa tarde do passeio a Santa Teresa. Não choveu mas eu não rezei as orações. Desde pequenino acostumara-me a pedir aos céus o seu favor, mediante orações que diria, se eles viessem. Disse as primeiras, mas as outras foram adiadas, e à medida que se amontoavam iam sendo esquecidas⁷⁰.

Diante do que se lê, infere-se que as promessas feitas por Bentinho eram esquecidas assim que recebia o que tanto desejava. Essa informação era uma realidade mesmo quando se tratava de um assunto muito sério para a sociedade do Segundo Império. Dessa forma, observa-se que o enunciador de *Dom Casmurro*, através de suas personagens, banaliza os rituais da “Santa Madre Igreja”. O pecado se transformou em uma infração moral, dentro de uma sociedade racionalizada, influenciada pelo cientificismo e pelos grandes avanços industriais. Para Faoro, citado por Conceição, “esta constatação deve ser interpretada como a dissolução da imagem do homem religioso e do cristão católico por terem perdido de alguma forma

⁶⁹ ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Ática, 2009. (Bom Livro), p. 23.

⁷⁰ ASSIS, 2009, p. 48.

as raízes que os alimentavam e que em algum momento lhes insuflaram o sentimento divino”⁷¹ – um homem que, depois de sua infância, deseja viver a vida fora dos domínios da Igreja, com autonomia, como alguém que se bastasse.

Assim, Deus para Bentinho, após o seminário, perdeu a existência, o sentido. Tal perda foi notada por Capitu quando ouviu Bentinho dizer para Ezequiel que não era pai dele em um momento em que desejou que o filho bebesse uma xícara com café envenenado. Indignada com a atitude de Bentinho, Capitu, antes de sair para a missa, declara, no capítulo CXXXVIII: “– Sei a razão disso; é a causalidade da semelhança... A vontade de Deus explicará tudo... Ri-se? É natural; apesar do seminário, não acredita em Deus; eu creio... Mas não falemos nisso; não fica bem dizer mais nada.”⁷². Com essa declaração, compreende-se que Bentinho tinha sido contaminado pela ruína do mundo moderno, do ponto de vista religioso. De acordo com Conceição, “Deus enquanto símbolo da realidade última, como elemento que imprime sentido à vida quando esta se depara com possibilidades do não-ser, torna-se ausente para Bentinho”⁷³.

O falecimento de Deus em *Dom Casmurro* fez com que o protagonista machadiano se assumisse frente a vida como ser supremo, que poderia trocar uma promessa da mãe feita a Deus pelo amor de Capitu. No capítulo CXII, Bentinho, ressaltando a admiração que tinha por Capitu, confessa: “Capitu era tudo e mais que tudo, não vivia nem trabalhava que não fosse pensando nela.”⁷⁴. Conceição, comungando seu ponto de vista com o ponto de vista de Leonardo Boff, afirma que

A experiência mais radical da transcendência é a experiência do enamoramento ou do amor, por tocar incondicionalmente a profundidade de nós mesmos. [...] a experiência do enamoramento é uma experiência de êxtase, extática, fora da realidade, portanto, religiosa⁷⁵.

Quando se lê o trecho acima, infere-se que Bentinho coloca Capitu em um patamar superior a Deus, esquecendo-se do que vivenciou na infância estimulado pela prática religiosa da mãe, além da experiência no seminário. Capitu que se encontra nessa situação de superioridade não reage da mesma forma. Não deixou de frequentar a Igreja. No capítulo CXL, o protagonista declara: “– Confiei a Deus

⁷¹ FAORO, 1988, apud CONCEIÇÃO. Douglas Rodrigues da. *Teologia e literatura 3: aspectos religiosos em Machado de Assis*. São Paulo: Fonte, 2013, p. 129.

⁷² ASSIS, 2009, p. 191.

⁷³ CONCEIÇÃO, 2013, p. 126.

⁷⁴ ASSIS, 2009, p. 165.

⁷⁵ CONCEIÇÃO, 2013, p. 129.

todas as minhas amarguras, disse-me Capitu ao voltar da igreja; ouvi dentro de mim que a nossa separação é indispensável, estou as suas ordens.”⁷⁶. Sendo assim, observa-se que a devoção de Capitu não se perdeu como a de Bentinho que transformou sua experiência religiosa em experiência amorosa, prática do amor *Eros*. Mais um trecho nessa mesma tendência é o que registra a participação de José Dias nos cerimoniais da Igreja, os quais se transformam em ato de exibição de privilégios, atestado de hierarquia social, vaidade. O fragmento se encontra no capítulo XXX:

A distinção especial do pálio vinha de cobrir o vigário e o sacramento; para tocha qualquer pessoa servia. Foi ele mesmo que me contou e explicou isto, cheio de uma glória pia e risonha. Assim fica entendido o alvoroço com que entrara na igreja; era a segunda vez do pálio, tanto que cuidou logo de ir pedi-lo. E nada! E tornava à tocha comum, outra vez a interinidade interrompida; o administrador regressava ao antigo cargo... Quis ceder-lhe a vara; o agregado tolheu-me esse ato de generosidade, e pediu ao sacristão que nos pusesse, a ele e a mim, com as duas varas da frente, rompendo a marcha do pálio [...] Quando me viu com uma das varas, passando pelos fiéis, que se ajoelhavam, fiquei comovido. Pádua roía a tocha amargamente. É uma metáfora, não acho outra forma mais viva de dizer a dor e a humilhação do meu vizinho. De resto, não pude mirá-lo por muito tempo, nem o agregado, que, paralelamente a mim, erguia a cabeça com ar de ser ele o próprio Deus dos exércitos⁷⁷.

É justamente o que acontece nesse fragmento acima. José Dias disputa uma vara do pálio com Pádua que chegou atrasado para a saída do santíssimo na sacristia. Diante disso, nota-se que o rito católico se torna causador de cobiça e ostentação. O sentido de comunidade cristã em que todos são possuidores dos mesmos direitos é ironizado por Machado de Assis. Queiroz alega que “A formalidade destrói o sentido religioso. A missa, os sacramentos, os enterros são festas para os vivos, sem atenção às almas; uma vez que estas já se foram, resta salvaguardar as conveniências...”⁷⁸.

Além desse, cabe ressaltar ainda o trecho do capítulo CVIII em que o narrador protagonista noticia o nascimento de Ezequiel, momento tão esperado por essa família que acredita que a chegada de um filho seria o complemento que faltava para alcançar a felicidade. Assim, com bastante entusiasmo, Bentinho e Capitu começam a organizar o batizado do menino, a preocupação na escolha de

⁷⁶ ASSIS, 2009, p. 192.

⁷⁷ ASSIS, 2009, p. 60.

⁷⁸ QUEIROZ, 2008, p. 109.

quem seria o padrinho⁷⁹. Tanto o batismo como o apadrinhamento são elementos que fazem parte dos princípios cristãos, caracterizados pela influência do Discurso Religioso Católico. Uma família que não seguisse tais ensinamentos religiosos não seria bem vista pela sociedade burguesa do Segundo Império.

Era minha ideia que Escobar fosse padrinho do pequeno; a madrinha devia ser e seria a minha mãe. Mas a primeira parte se retrucou por intervenção do tio Cosme, que, ao ver a criança, disse-lhe entre outros carinhos: – Anda, toma benção a teu padrinho, velhaco. E, voltando-se para mim: – Não desisto do favor; e há de ser depressa o batizado, antes que minha doença me leve de vez. Contei discretamente a anedota a Escobar para que ele me compreendesse a desculpa; riu-se e não se magoou. Fez mais, quis que o almoço do batizado fosse na casa dele, e foi⁸⁰.

Por intermédio do que foi apresentado, compreende-se o quanto o apadrinhamento de Ezequial foi disputado – temática de importante discussão dentro de um cenário permeado por princípios do Discurso Religioso Católico. Para a tradição cristã, padrinho é como se fosse um segundo pai. Na ausência da família, em especial do pai, quem faz esse papel de acompanhamento e educação é o padrinho que geralmente é uma pessoa próxima da família, seguidora de ensinamentos religiosos.

Logo, não basta possuir vínculos de amizade, precisa ser uma pessoa em condições para instruir o afilhado através de ensinamentos bíblicos. Na verdade, esse não é o caso que poderia incluir tio Cosme nem Escobar, o qual, apesar de ser ex-seminarista, não matém atitudes e práticas religiosas. Mas parece que valia muito mais a simbologia do ato do batismo do que o ato e a importância dele para os princípios religiosos. Como se fosse *status* diante da sociedade cumprir o ritual do batismo, que, visto de tal forma, não tem significado nenhum religioso.

Outro Recorte Discursivo que merece destaque é o momento em que Bentinho, no seminário, conheceu Escobar, o qual, do mesmo modo, não pretendia se tornar padre. Era um rapaz religioso, porém gostava do comércio, dos números. Quando viraram amigos, Bentinho contou a Escobar suas aventuras amorosas com Capitu, seu desejo de se livrar do seminário e uma ideia que José Dias teve para ajudá-lo nesse propósito. Após ouvi-lo, Escobar, no capítulo XCVI, sugere:

⁷⁹ ASSIS, 2009, p. 160.

⁸⁰ ASSIS, 2009, p.160.

Não, Bentinho, não é preciso isso. Há melhor [...] Sua mãe fez promessa a Deus de lhe dar um sacerdote, não é? Pois bem, dê-lhe um sacerdote, que não seja você. Ela pode muito bem tomar a si algum mocinho órfão, fazê-lo ordenar à sua custa, está dado um padre ao altar, sem que você [...]»⁸¹.

Depois disso, a personagem conseguiu convencer sua mãe, Dona Glória, que pediu ajuda ao padre Cabral, que consultou o bispo, o qual aprovou a decisão sugerida pelo amigo Escobar. Nessa ocasião, Bentinho tinha pouco mais que dezessete anos de idade. O protagonista buscou esse caminho porque a religiosidade presente em sua vida não era a mesma de Dona Glória. A atitude de tal Sujeito Discurso revela um contraexemplo para qualquer homem religioso de sua época.

Esses foram alguns exemplos para se entender como se materializa a religião em *Dom Casmurro*. A aproximação entre literatura e religião é possível porque ambas possuem a capacidade de enunciação da realidade, do ser humano e tudo o que ele deseja, estabelecendo uma forma paralela de discurso, decodificando os símbolos universais de onde surgem os aspectos essenciais da vida do ser humano.

A literatura do século XIX recriou, de forma peculiar, os sentimentos e os desejos mais profundos do ser humano, isso porque a imaginação do literato não inventa arbitrariamente as formas. Ele nos mostra tais desenhos em sua verdadeira representação de imagem, fazendo-as visíveis e reconhecidas. Logo, a literatura se torna o lugar de sobrevivência de determinadas experiências relacionadas à vivência humana, sem representar a imagem do ser humano de maneira atomizada, não são reproduções de uma realidade dada.

Machado de Assis carrega uma herança de fazer com que o público leitor entendesse que a expressão artística do século XIX não estava mais preocupada em apresentar somente os ideais ou desejos de autorrealização humana; entretanto, propaga de forma incisiva as fatalidades de ideia, de progresso em todas as suas dimensões (ciência, política, economia, religião, etc.), a degradação da sociedade burguesa. É a reconstrução de um mundo que não corresponde mais ao compacto e ideal mundo burguês.

Sendo assim, as personagens machadianas foram criadas em mundo decadente e em eminente colapso, vegetando na mais triste hipocrisia. Dessa

⁸¹ ASSIS, 2009, p. 145.

maneira, elas arrastavam uma vida obscura, chata, vulgar, prosaica, mesquinha e ciumenta, envenenada por tédio e ociosidade, como afirma Conceição⁸².

2.2 As relações intertextuais bíblicas em “Dom Casmurro” através da alusão⁸³

Como já mencionado no primeiro capítulo, Machado de Assis, no romance *Dom Casmurro*, fez uso de diversos intertextos na construção da narrativa, mas principalmente dos que faziam referência à Bíblia. Como já fora mencionado neste estudo, o referido enunciador revelou ser um leitor das Escrituras Sagradas. Das alusões religiosas que frequentemente faz, depreende-se certa índole profética nas reflexões do Bruxo. Bento é um instrumento pelo qual Machado se revela uma personalidade de erudição e cultura extraordinárias, principalmente considerando que tais aquisições foram viabilizadas pelo seu caráter autodidata.

Pode-se afirmar que, dos romances publicados de Machado, *Dom Casmurro* é possivelmente o de maior influência teológica. Inclusive o protagonista passa parte de sua vida no seminário, quase se torna padre para o cumprimento da promessa de sua mãe, vive “negociando” com Deus a realização de seus pedidos em troca de rezas de ave-maria e pai-nosso.

Tem-se, na relação simbólica do romance *Dom Casmurro*, o estabelecimento do Discurso Religioso. Sabendo que para o cristão, a Bíblia é a voz de Deus – a que ele chama de a “Palavra”, a qual é interpretada à luz da hermenêutica por autoridade eclesiástica (Igreja católica, neste caso) e que não pode ser modificada –, o narrador parte desse ponto de vista, muito impregnado no homem do século XIX, toma a Palavra como escudo seu, num discurso monossêmico, de modo que a manifestação verbal de Deus ofusca o discurso desse narrador. Deus o substitui. Conforme Orlandi, “há um dizer, obscuro, sempre já dito, que se fala para os homens”⁸⁴.

Repetidamente, o narrador Bento se utiliza da alusão para apoderar-se “da voz de Deus”⁸⁵. Mas esse recurso da alusão nem sempre está bem claro no Discurso Religioso de *Dom Casmurro*. Exemplo disso é a passagem referente a

⁸² CONCEIÇÃO, 2013, p. 101.

⁸³ Termo que se refere a um tipo de intertexto. Cf. KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008, p. 123.

⁸⁴ ORLANDI, 1999, p. 259.

⁸⁵ ORLANDI, 1999, p. 245.

Ezequiel, no capítulo CXII. Sem prévio conhecimento bíblico, não se percebe a analogia ao profeta bíblico Ezequiel⁸⁶.

Por isso, então, utiliza-se nas análises propostas aqui o intertexto como instrumento de construção de sentido, destacando sempre o texto bíblico de partida que se desvenda por meio de processamentos textuais discursivos – uma prática que depende da intensidade dos conhecimentos que o interlocutor possui armazenada em sua memória.

Entre os muitos trechos do romance marcados pela intertextualidade, vale destacar aqui alguns que registram tal ocorrência. As relações intertextuais apresentadas estão organizadas de acordo os diferentes momentos vividos por Bentinho, que é o Sujeito Discurso titular de *Dom Casmurro*, romance que faz parte do acervo enunciativo de Machado de Assis.

2.3 Infância, juventude e idade adulta

No capítulo VII Bentinho fala da mãe, D. Glória. Para tanto não se cansa de tecer elogios, admira muito a vida conjugal que a mãe teve com o pai, Pedro de Albuquerque Santiago. Na casa em que morava fez questão de colocar uma foto do casal na parede. Então, lê-se:

O que se lê na cara de ambos é que, se a felicidade conjugal pode ser comparada à sorte grande, eles a tiraram no bilhete comparado de sociedade. [...] Aqui os tenho aos dois bem-casados de outrora, os bem-amados, os bem-aventurados, que se foram desta para outra vida, continuar um sonho provavelmente⁸⁷.

Diante da descrição, infere-se que os pais de Bentinho viviam muito bem, pois, para justificar tal fato, o enunciativo de *Dom Casmurro* qualifica-os como “bem-aventurados”. Essa expressão vocabular encontra-se em diversas vezes no discurso bíblico fazendo referência a pessoas felizes, bem-sucedidas, abençoadas por Deus, que é o caso dos pais de Bentinho na vida conjugal. Na Bíblia, um registro marcante de tal ocorrência encontra-se em Mateus capítulo 5 em que Jesus ensina a seus

⁸⁶ Na seção “2.6 Nascimento, vida e morte de Ezequiel”, há maiores detalhes sobre a correlação estabelecida entre o personagem e o profeta bíblico.

⁸⁷ ASSIS, 2009, p. 27-28.

discípulos as bem-aventuranças⁸⁸. Igualmente, o Sujeito titular da narrativa em estudo ao citar a felicidade vivida pelos pais no casamento, relacionando-a com uma dádiva divina, que por certo também desejou desfrutar com Capitu desse presente. Esse sentimento, mesmo que provável, evidencia marcas de influência do Discurso Religioso Católico que acredita na felicidade do casamento por intermédio das bênçãos sagradas.

Outro registro de intertextualidade evidencia-se quando Bentinho ainda menino se apaixonou pela amiga e vizinha Capitu. Esse sentimento não deveria nunca ter existido em um romance daquela época que apresentasse um protagonista que era fruto de uma promessa para o sacerdócio, feita pela mãe quando perdeu o primeiro filho. No início do romance, capítulo III, quem alerta Dona Glória sobre esse perigo foi o agregado, José Dias:

Há algum tempo estou para lhe dizer isto, mas não me atrevia. Não me parece bonito que nosso Bentinho ande metido nos cantos com a filha do *tartaruga*, e esta é a dificuldade, porque se eles pegam no namoro, a senhora terá muito que lutar para separá-los⁸⁹.

Uma promessa que se assemelha, dialoga, com a narrativa bíblica registrada em I Samuel, capítulo 1⁹⁰. A história conta que Ana era esposa de Elcana, homem casado com duas mulheres: Ana e Penina. Enquanto a segunda lhe dava filhos, a primeira não podia. Naquela ocasião a mulher estéril era considerada imunda. Certa feita, Ana muito angustiada por não poder ter filhos, em um momento de adoração a Deus no templo, orou fazendo uma promessa a Ele, dizendo que se engravidasse e fosse menino seria sacerdote. Assim aconteceu e, como fruto do cumprimento dessa promessa, Samuel se tornou profeta do povo e o último juiz de Israel. Ao contrário de Bentinho que estudou direito, virou advogado e se casou com Capitu. Agindo assim, acredita-se que o narrador de *Dom Casmurro* deixou de ser um homem religioso, manifestando características profanas.

Um outro destaque das mesmas ocorrências discursivas está no capítulo XXI quando Prima Justina, passeando de um lado para o outro na varanda, encontra Bentinho e o questiona sobre onde ele estivera, porque Dona Glória esteve procurando-o. Preocupado, o protagonista quis saber mais sobre o acontecido,

⁸⁸ BÍBLIA. Português. *Nova Bíblia Viva*. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Mundo Cristão, 2010. p. 789-790.

⁸⁹ ASSIS, 2009, p. 22.

⁹⁰ BÍBLIA, 2010, p. 236-237.

porém Prima Justina não estendeu muito as explicações e disse que havia mentido dizendo que o garoto já tinha chegado em casa.

Diante disso, percebe-se a atitude transgressora de uma personagem que tinha um nome que devira sua significação da palavra verdade. O Sujeito Discursivo titular da narrativa põe-se surpreso com tal atitude:

A mentira espantou-me, não menos do que a franquesa da notícia. Não é que prima Justina fosse de biocos; dizia francamente a Pedro o mal que pensava de Paulo, e a Paulo o que pensava de Pedro; mas confessar que mentira é que me pareceu novidade. Era quadragésima, magra e pálida, boca fina e olhos curiosos. Vivia conosco por favor de minha mãe e também por interesse; minha mãe queria ter uma senhora íntima ao pé de si, e antes parenta que estranha⁹¹.

Apesar do espanto em relação ao que ouviu de Prima Justina, Bentinho, para justificar a importância da presença dela para Dona Glória, como moradora daquela casa e como pessoa de confiança e sinceridade, utiliza um intertexto bíblico citando confusões doutrinárias existentes entre os dois apóstolos, Pedro e Paulo. O apontamento desse conflito encontra-se no livro de Gálatas 2:11-16⁹². O referido problema ocorre em Antioquia. Pedro depois de ter convivido por um tempo com os gentios onde esteve pregando o evangelho, afastou-se deles, após a visita de uns judaizantes que eram da circuncisão. Quando Pedro foi ter com Paulo em Antioquia, o apóstolo dos gentios aproveitou da ocasião para corrigir o amigo, opondo-se publicamente a Pedro, lembrando-o da salvação pela graça e a justificação pela fé. Esse acontecimento conflituoso contribuiu para a convocação do Concílio de Jerusalém.

De tal modo, diante do rigor da sinceridade de Prima Justina, que já foi explicitada por meio da comparação entre os conflitos apostólicos, mentir naquela situação para Dona Glória não era um comportamento comum da personagem. Com certeza esse agir que desconstrói a relação de significação entre Justina e uma pessoa justa, contribuiu para desconstruir os princípios religiosos que regiam a vida desses Sujeitos Discursivos na Formação Discursiva machadiana.

Merece destaque também o momento da narrativa em que Bentinho conta como o agregado conheceu a família dele. Foi em uma ocasião em que o narrador tinha acabado de nascer, moravam ainda na fazenda de Itaguaí. Na época, havia

⁹¹ ASSIS, 2009, p. 49.

⁹² BÍBLIA, 2010, p. 967.

um andaço de febre e José Dias dizia-se médico homeopata, curou o feitor e uma escrava da fazenda do pai, Pedro de Albuquerque Santiago. E não quis receber nenhuma remuneração pelo ato de caridade. Depois disso, foi convidado a morar com a família de Santiago. Em princípio não aceitou, não queria deixar de levar a cura para outras casas, principalmente aos pobres, mas em poucos dias retornou aceitando o convite. Com o tempo José Dias acabou confessando que não era médico e dedicou a glória de seu feito inicialmente aos remédios indicados em manuais que carregava, porém sobretudo a Deus.

No capítulo V, Bentinho anuncia o questionamento feito ao agregado na ocasião e a forma como ele reagiu: “Mas, você curou das outras vezes. Creio que sim; o mais acertado, porém é dizer que foram os remédios indicados nos livros. Eles sim, abaixo de Deus. Eu era um charlatão...”⁹³. Assim, observa-se que, apesar da eficiência medicinal, quem merece honra maior no discurso do agregado é Deus, que, se manifestando em um mundo sagrado, supera inclusive a ação dos remédios. Essa atitude do agregado se assemelha, faz alusão ao comportamento do salmista no Salmo 48, que exalta a grandeza de Deus diante dos feitos dEle para com o povo⁹⁴. Diante de tal afirmação, percebe-se a sabedoria do agregado, quase que desfazendo da atuação dos medicamentos no momento da cura. Atitude muito louvável reproduzida por uma personagem influenciada pelo Discurso Religioso Católico.

Para finalizar, o capítulo XCIX narra o retorno de Bentinho que tinha ido cursar Direito no Largo de São Francisco, em São Paulo. A receptividade preparada por José Dias, para tornar o momento quase um cerimonial religioso, faz recitações bíblicas: “Minha mãe, quando eu regressei bacharel quase estalou de felicidade. Ainda ouço a voz de José Dias, lembrando o evangelho de S. João, e dizendo ao ver-nos abraçados: “– Mulher, eis aí o teu filho! Filho, eis aí a tua mãe!”⁹⁵

Nessas referências que dialogam com a Bíblica, encontram-se registros da passagem de Lucas 23, em que relata a crucificação de Jesus⁹⁶. Pilatos, o sumo sacerdote, açoitou Jesus; os soldados puseram-lhe uma coroa de espinhos e uma veste de púrpura. Na ocasião discutiam quem merecia ser crucificado. E a multidão era induzida a gritar pedindo a crucificação de Jesus. Então Jesus foi entregue para

⁹³ ASSIS, 2009, p. 25.

⁹⁴ BÍBLIA, 2010, p. 486.

⁹⁵ ASSIS, 2009, p. 148.

⁹⁶ BÍBLIA, 2010, p. 866-867.

ser crucificado, porém antes se dirige à sua mãe, fazendo a declaração que José Dias menciona. Maria Madalena estava presente na ocasião da crucificação acompanhada por um grupo de mulheres, além dos discípulos a quem Jesus também amava.

Para Jesus, tal momento foi marcado como sinônimo de uma despedida das pessoas de quem mais estimava aqui na terra, diferente de Bentinho, que essas palavras registraram seu retorno para casa depois de um longo período de estudos, morando fora. Essa relação entre os dois momentos parece ter sido influenciada pelo Discurso Religioso Católico para registrar com bastante intensidade por parte do agregado o retorno da personagem ao ambiente familiar.

Tal excesso empregado com frequência por José Dias em variadas ocasiões importantes vividas pela família Santiago aparenta ser uma forma de se fazer uma pessoa indispensável, sensibilizando a família com quem morava, fazendo-se pessoa relevante para desfrutar com eles de grandes ocasiões, sempre repletas de palavras de sabedoria e superlativos.

2.4 A vida no seminário

Uma ocorrência do intertexto que se faz necessário salientar localiza-se no capítulo L, quando Bentinho vai para o seminário, mesmo a contragosto. Pela iniciativa de Dona Glória de enviá-lo, observa-se como o cumprimento da promessa feita um dia a Deus prevaleceu sobre, inclusive, o sentimento materno diante da ausência do filho. O protagonista, por sua vez, não foi para o seminário porque seu coração era grato a Deus pela vida, mas sim por obediência à mãe.

E como o coração do narrador da obra em análise não é igual ao da mãe, ele expressa o sofrimento convivido no momento da ida ao seminário com bastante exagero e construções intertextuais bíblicas para que o interlocutor compreenda bem a intensidade do sofrimento dele. Nesse caso, lê-se:

Meses depois fui para o seminário. Se pudesse contar as lágrimas que chorei na véspera e na manhã, somaria mais que todas vertidas desde Adão e Eva. Há nisso alguma exageração, mas é bom ser enfático, uma ou outra vez, para compensar esse escrúpulo de exatidão que me atinge⁹⁷.

⁹⁷ ASSIS, 2009, p. 88.

Do mesmo modo, com tal descrição, o Sujeito Discursivo usa as personagens bíblicas “Adão e Eva” que, de acordo com os princípios do Discurso Religioso Católico, foram as primeiras pessoas criadas por Deus com a intenção de demonstrar que chorou mais do que qualquer outro ser na face da terra que fez parte da criação divina. Já outro registro da intertextualidade encontra-se no capítulo LII, quando Bentinho relata como foi a despedida de Capitu e as juras de amor do casal quando mudou para o seminário. Assim declara:

Juramos novamente que havíamos de casar um com o outro, e não foi só o aperto de mão que selou o contrato, como no quintal, foi a conjunção das nossas bocas... Talvez risque isso na impressão, se até lá não pensar de outra maneira; se pensar, fica. E desde já fica, porque, em verdade, é a nossa defesa. O que o mandamento divino quer é que não juremos em vão pelo santo nome de Deus. Eu não ia mentir ao seminário, uma vez que levava um contrato feito no próprio cartório do céu⁹⁸.

De acordo com trecho supracitado, o Sujeito Discursivo que narra *Dom Casmurro* deixa bem claro no discurso dele que as juras de amor entre ele e Capitu não eram pecado porque não foram realizadas em nome do santo Deus, nem de qualquer maneira, por isso o uso da expressão vocabular “em vão”. Dessa forma, compreende-se que o juramento aconteceu, mas sem envolver o nome de alguma divindade sagrada, além de não ter sido em vão. Esse entendimento registrado no romance em estudo revela o quanto os interlocutores machadianos conheciam os princípios das Escrituras Sagradas e as relações intertextuais com a Bíblia presentes na obra.

A proibição de tal prática de juramento encontra-se no Evangelho de Mateus 5:34, também conhecido pela cristandade como parte do “Sermão do Monte”⁹⁹. É o momento em que Jesus subiu um monte e começou a ensinar os discípulos. Dentre os muitos ensinamentos, de acordo com a narrativa bíblica, Jesus disse para os discípulos ali reunidos que não era para jurar em nome de Deus em vão porque assim era pecado. Com isso Jesus ensinava que, se fosse jurar, que se jurasse por Deus, e não por deuses pagãos. Dentro daquele contexto, o sagrado queria desviar a atenção do paganismo. O Novo Testamento, Cristo esclarece que o ideal é evitar os juramentos, pois não se pode jurar por alguém que é muito maior que Deus. E, em Mateus 5:37, Jesus disse: “Seja o seu ‘sim’, ‘sim’, e o seu ‘não’, ‘não’; o que

⁹⁸ ASSIS, 2009, p. 90.

⁹⁹ BÍBLIA, 2010, p. 790.

passar disso vem do Maligno"¹⁰⁰. Jesus disse que, ao invés de jurar por Deus, deve-se dizer sim e não, sendo direto ao ponto.

Por fim, no capítulo LXVII, Bentinho precisou passar alguns dias em casa porque Dona Glória estava enferma. Antes de chegar a casa, durante o percurso, lê-se:

Era a primeira vez que a morte me parecia assim perto, me envolvia, me encarava com os olhos furados e escuros [...] Oh! Eu não podia nunca expor aqui tudo o que senti naqueles terríveis minutos. A rua, por mais que José Dias andasse superlativamente devagar, parecia fugir-me debaixo dos pés, as casas voavam de um e de outro lado, e uma corneta que nessa ocasião tocava no quartel dos Municípios Permanentes ressoava aos meus ouvidos como a trombeta do juízo final¹⁰¹.

Pelo que se observa no fragmento lido, o Sujeito Discursivo titular – Bentinho – vive um momento de desespero como se fosse uma cena apocalíptica. A “trombeta do juízo final” é uma figura que reconstrói na narrativa de *Dom Casmurro* a profecia de I Tessalonicenses 4:16-17 que fala do arrebatamento repentino da Igreja de Cristo¹⁰². Esse desespero está relacionado à separação que Bentinho sofreria de sua amada mãe, que por certo estava preparada, como uma boa cristã, para o dia do arrebatamento que, de acordo com a profecia bíblica, os santos se encontrarão com Jesus nas alturas.

A referida reconstrução provavelmente é responsável para metaforizar esse desespero que Bentinho estava na iminência de sua mãe morrer, já que não possuía mais o pai. É como se aquela trombeta estivesse chamando Dona Glória para morar no céu e assim deixar esta vida terrena, provocando sentimento de perda em Bentinho. Com isso, o narrador de *Dom Carmurro* ficaria sem a pessoa que mais estimava em sua vida, a responsável pela promessa feita um dia a Deus e conseqüentemente quem, ao mesmo tempo, contribuiu para livrar-lhe de tal responsabilidade.

Diante disso, tal construção estilística foi produzida intencionalmente como recurso discursivo para chamar a atenção do interlocutor machadiano de como estava o narrador protagonista naquele momento de intenso sofrimento por causa da enfermidade da mãe. Esse Recorte Discursivo foi construído tal como está porque o interlocutor de Machado de Assis entendia muito bem esse jogo de

¹⁰⁰ BÍBLIA, 2010, p. 790.

¹⁰¹ ASSIS, 2009, p. 111.

¹⁰² BÍBLIA, 2010, p. 987.

palavras e os diálogos delas com a Bíblia, construindo então o sentido pretendido por causa da influência do Discurso Religioso Católico.

2.5 O casamento de Bento e Capitu

Inicialmente, um fragmento que dialoga com a Bíblia, registrando influência do Discurso Religioso Católico encontra-se no capítulo CI. Nesse Recorde Discursivo, Bentinho relata o momento do cerimonial de casamento com Capitu:

Quando chegamos ao alto da Tijuca, onde era nosso ninho de noivos, o céu recolheu a chuva e ascendeu as estrelas, não só as já conhecidas, mas ainda as que só serão descobertas daqui a muitos séculos. Foi grande a fineza e não foi única. S. Pedro, que tem as chaves do céu, abriu-nos as portas dele, fez-nos entrar, e depois de tocar-nos com báculo, recitou alguns versículos de sua primeira epístola: 'As mulheres sejam sujeitas aos seus maridos... Não seja o adorno delas o enfeite dos cabelos eriçados ou as rendas de ouro, mas o homem que está escondido no coração... Do mesmo modo, vós, maridos, coabitai com elas tratando-as com honra, como a vasos mais fracos e herdeira convosco da graça da vida...'¹⁰³.

Pelo trecho citado infere-se que foi um cerimonial bem religioso, que destacou com grande eminência discursiva as funções do homem e da mulher dentro do ato conjugal de acordo com os ensinamentos bíblicos que estão em I Pedro 3:3-6¹⁰⁴. Até os dias atuais, um cristão diria que se tais princípios fossem seguidos com honestidade pelo casal, contribuiriam para a felicidade e durabilidade do casamento. É justamente o que não aconteceu com os Sujeitos Discursivos que protagonizam essa história. Além disso, de acordo a enunciação de *Dom Casmurro*, o literato constrói um narrador que quase sempre está acusando Capitu culpada pela infelicidade conjugal e, conseqüentemente, o descumprimento das promessas sagradas, como se fosse a pessoa que tivesse abandonado a religiosidade após o casamento.

Mais uma ocorrência intertextual presente em *Dom Casmurro* localiza-se no capítulo CV. Nele, Bentinho relata que a vida de casado com Capitu corria muito bem. Saíam bastante para passear, frequentavam bailes, etc. Nessas saídas, encantava-se com os braços de Capitu. Em certo momento do tal Recorte Discursivo, Bentinho interage com a leitora evidenciando essa admiração:

¹⁰³ ASSIS, 2009, p. 150.

¹⁰⁴ BÍBLIA, 2010, p. 1018.

Eram belos, e na primeira noite que os levou nus a um baile, não creio que houvesse iguais na cidade, nem os seus, leitora, que eram então de menina, se eram nascidos, mas provavelmente estariam ainda no mármore, donde vieram, ou nas mãos do divino escultor¹⁰⁵.

Nesse diálogo do narrador com a leitora, muito característico da obra em análise, observa-se uma alusão à Bíblia, em especial sobre o livro de Gênesis 1:26-27, quando relata a criação do primeiro homem¹⁰⁶. Pela narrativa bíblica, percebe-se que Deus o fez como escultor, o que não foi diferente com Capitu, que também desfrutou da habilidade divina para esculpir sua beleza, assim como Adão no jardim do Éden, a primazia da criação. Logo, a admiração do narrador de *Dom Casmurro* pelos braços da amada e a caracterização da feitura do corpo humano através da expressão “nas mãos do divino escultor” revelam a influência do Discurso Religioso Católico que reconhece a perfeição de Deus no ato da criação do ser humano.

Outro destaque vai para o episódio que está no capítulo CXXXV, onde Bentinho conta que tinha saído sozinho de casa para assistir à peça teatral “Otelo” de *William Shakespeare*. Durante o espetáculo, várias vezes se identificou com o sofrimento vivido por Otelo que, conforme o discurso shakespeariano, teria sido traído por Desdêmora, a mulher a quem amava. Diante de tal perturbação, a personagem chegou a casa desejando matar Capitu, mas logo depois decidiu que ele era quem morreria ao tomar um veneno.

Cheguei a casa, abri a porta devagarinho, subi pé ante pé, e meti-me no gabinete; iam dar seis horas. Tirei o veneno do bolso, fiquei em mangas de camisa, e escrevi ainda um carta, a última dirigida a Capitu. Nenhuma das outras era para ela; senti necessidade de lhe dizer uma palavra em que lhe ficasse o remorso da minha morte. Escrevi dois textos. O primeiro queimei-o por ser longo e difuso. O segundo continha só o necessário, claro e breve. Não lhe lembrava o nosso passado, nem as lutas havidas, nem alegria alguma; falava-lhe só de Escobar e da necessidade de morrer¹⁰⁷.

Pela leitura do trecho anunciado, observa-se que o desejo de morte representava uma forma de vingança, impulsionado pelo espetáculo teatral a que Bentinho assistiu. A peça de *Shakespeare* estabelece relações intertextuais profundas com o romance em estudo. Machado de Assis por várias vezes deixa tal fato bem explícito. Esses diálogos sugerem a provável traição sofrida por Bentinho

¹⁰⁵ ASSIS, 2009, p. 155.

¹⁰⁶ BÍBLIA, 2010, p. 11.

¹⁰⁷ ASSIS, 2009, p. 186-187.

que, nos fragmentos citados, se encontra tão convicto dela que chega a desejar a morte como maneira de acabar com o sofrimento. É claro que a consumação do ato não ocorreu, porém as acusações contra Capitu nos capítulos seguintes foram tão diretas e fortes que ela chega a declarar que queria o divórcio.

Para um casamento baseado nos princípios do Discurso Religioso Católico, o divórcio seria uma prática abominável diante de Deus. Naquela época, no seio de uma sociedade burguesa, parece que a melhor maneira de resolver essa situação seria o casal continuar morando juntos, apenas com separação de corpos, com o intuito de manter as aparências. É justamente o que parece que Bentinho sugere a Capitu no decorrer da narrativa e que, de fato, se concretiza de certa forma quando ela muda para a Suíça com Ezequiel, a fim de que o filho pudesse estudar por lá.

A materialização do intertexto acontece à medida que se compreende que tal atitude tomada pelo casal foi um instrumento utilizado para desfazer do casamento em virtude de um provável adultério. O divórcio sempre foi abominável para pessoas que acreditavam nos princípios bíblicos e que sofriam fortes influências do Discurso Religioso Católico. A traição, de acordo com os ensinamentos bíblicos, é a única justificativa aceitável para um casal se divorciar. Mas, mesmo acontecendo a separação, os princípios religiosos não permitem que a pessoa que cometeu a traição case novamente. O assunto é tão grave para as religiões de matrizes cristãs que existe um texto bíblico de Malaquias 2:16 em que Deus diz que abomina o divórcio¹⁰⁸.

Do mesmo modo, para a cristandade, os planos Divinos para o casamento é que ele dure para toda a vida. A discussão a respeito do divórcio e do segundo matrimônio, se são ou não consentidos de acordo com a Bíblia, gira fundamentalmente em torno dos discursos de Jesus em Mateus 5:32¹⁰⁹ e 19:9¹¹⁰. A frase “a não ser por causa de infidelidade” é a única situação nas Sagradas Escrituras que provavelmente dá a autorização de Deus para a separação e segundo casamento.

¹⁰⁸ BÍBLIA, 2010, p. 783.

¹⁰⁹ BÍBLIA, 2010, p. 790.

¹¹⁰ BÍBLIA, 2010, p. 804.

2.6 Nascimento, vida e morte de Ezequiel

No capítulo CXVI, encontra-se um importante destaque intertextual. Nele, Bentinho se queixa com José Dias da ausência da mãe que deixou de visitar a casa dele¹¹¹. Na interação discursiva registrada na narrativa entre os dois sujeitos, o agregado tenta explicar a situação de enfermidade vivida por Dona Glória que impedia de visitar o filho com frequência. Em seguida, José Dias pediu para ver o “profetazinho”, fazendo referência a Ezequiel, e lhe chama de “Filho do homem”, uma expressão muito utilizada na Bíblia, no livro do profeta Ezequiel.

Capitu, ao ouvir tal apelido que fazia referência ao filho, aparentou não gostar muito; então, indagou ao agregado desejando saber da procedência dessa expressão. José Dias lhe explicou e chegou a dizer-lhe que a Bíblia era cheia de expressões “cruas e grotestas”. A utilização desses dois adjetivos para qualificar as palavras encontradas no livro sagrado diminui o valor dos escritos bíblicos, que é um livro importante do cristianismo e não deve ser avaliado com desprezo por personagens que são influenciadas pelo Discursivo Religioso Católico. Provavelmente, a construção de tal discurso, com palavras escolhidas de forma proposital pelo enunciador, dialogando com a Bíblia, em especial com o livro de Ezequiel, pretende sugerir que, assim como o profeta Ezequiel tinha a função de denunciar o pecado do povo, Ezequiel, filho de Bentinho e Capitu desenvolvia o papel de delatar a traição entre Capitu e Escobar, à medida que o menino crescia e revelava traços e gestos que lembravam o amigo de Betinho.

Tais características, várias vezes, são salientadas no percurso da narrativa por Bentinho que via Ezequiel se comportando como se fosse o próprio Escobar, imitando os gestos dele, além da aparência. Logo, Capitu sabendo dessa situação e não querendo que ela se intensificasse, reage demonstrando desagrado com as palavras proferidas por José Dias nessa passagem. Segundo a perspectiva encontrada na narrativa através do discurso machadiano, é como se o “pecado” dela estivesse sendo exposto através do “profetazinho” Ezequiel.

No mesmo capítulo, o Sujeito Discursivo titular de *Dom Casmurro*, para falar das travessuras do filho, utiliza discursivamente uma comparação acompanhada de uma hipérbole “Mas o menino era travesso, como o diabo; apenas começamos a

¹¹¹ ASSIS, 2009, p. 169.

falar de outra coisa, saltou o menino da sala...”¹¹². Na expressão “como o diabo”, tem-se uma hipérbole a fim de expressar o quanto o filho era peralta. Com essa construção, o literato estabelece uma relação intertextual entre o comportamento de Ezequiel e o comportamento do diabo, uma figura bíblica que, em sua forma original, representava um querubim da guarda celeste, mas que se rebelou contra Deus, sendo, então, expulso do céu.

Tal relato encontra-se no livro de Ezequiel 28:12-17 quando o profeta levanta uma profecia contra o rei Tiro, mas a profecia parece ser para uma outra criatura¹¹³. Na verdade, a criatura que esteve no Éden foi satanás, o ex-Lúcifer, também chamado de diabo. Somente a partir do versículo 18 que se percebe que o profeta estava falando do rei Tiro. Isso porque a narrativa bíblica se dirige ao rei Tiro, relacionando-o com a figura do ex-Lúcifer, Assim sendo, infere-se que o filho de Bentinho, na concepção do pai, era extremamente rebelde, transgressor, não só nas peraltices, mas também em sua genética, nas aparências, etc. Essa escolha vocabular revela fortes influência do Discurso Religioso Católico.

Mais uma ocorrência de intertextualidade está no capítulo CXLV, intitulado “regresso”. Bentinho anuncia a chegada de Ezequiel ao Brasil e a visita que lhe fez na ocasião¹¹⁴. Entre vários questionamentos, o rapaz quis ver a Prima Justina que estava enferma. O Sujeito Discursivo titular de *Dom Casmurro* não permitiu, dizendo que qualquer forte emoção vivida pela doente poderia agravar o caso. Não se passaram muitos dias, Prima Justina faleceu. Após os relatos desses fatos, Bentinho, para anunciar a morte de Justina, utiliza a expressão “descança no Senhor”. Tal eufemismo baseia-se em um diálogo com a narrativa bíblica de Isaías 57:1-2, quando o profeta fala da paz que os justos encontram na morte, para serem poupados do castigo¹¹⁵. Parece que o enunciador do romance escolheu bem a passagem bíblica para registrar, por meio de uma figura de linguagem, a morte de Justina, utilizando, para isso, marcas do Discurso Religioso Católico.

Por fim, cabe destacar, para fechar o conjunto de relações intertextuais presentes em *Dom Casmurro*, o momento em que Bentinho registra o falecimento de Ezequiel. Tal trecho encontra-se no capítulo CVLVI, onde Bentinho comenta, com certo descaso, o falecimento do filho. Ezequiel morreu de febre tifoide durante uma

¹¹² ASSIS, 2009, p. 169.

¹¹³ BÍBLIA, 2010, p. 704.

¹¹⁴ ASSIS, 2009, p. 198.

¹¹⁵ BÍBLIA, 2010, p. 614.

pesquisa arqueológica em Jerusalém. Quem faz o papel da família foram dois amigos da universidade que estavam lá com o rapaz. O mais interessante é que no túmulo de Ezequiel levantaram uma inscrição tirada também do texto bíblico do profeta Ezequiel, em grego, cuja tradução significa “Tu eras perfeito nos teus caminhos.”¹¹⁶.

Essa alusão bíblica feita pelo profeta Ezequiel, no capítulo 28, como já foi explicitado, se dirige ao rei Tiro, relacionando-o com a figura do ex-Lúcifer, um querubim criado por Deus, possuidor de uma beleza extraordinária¹¹⁷. Portanto, Ezequiel foi comparado a um anjo de alta patente no exército celestial. Por meio dessa referência alegórica entre o ex-lúcifer e Ezequiel, observa-se a profundidade das relações intertextuais bíblicas empregadas por Machado de Assis por intermédio do Sujeito Discursivo que narra o romance a fim de expressar a grandeza de Ezequiel como personagem inocente em toda Formação Discursiva do romance.

Tal alegoria só foi construída porque os interlocutores machadianos eram pessoas fortemente influenciadas pelo Discurso Religioso Católico, que, por certo, facilitou essa compreensão dentro do processo de construção de sentido do texto. Afinal, um texto não está pronto em sua totalidade após ser escrito e publicado. Para construção de sentido, existe uma relação entre autor-texto-leitor.

¹¹⁶ ASSIS, 2009, p. 198.

¹¹⁷ BÍBLIA, 2010, p. 704-705.

3 DESSACRALIZAÇÃO DO COSMOS EM DOM CASMURRO¹¹⁸

O universo discursivo de Machado de Assis é marcado por influências do Discurso Religioso Católico, apesar do enunciador não ser devoto. O referido autor, perto de morrer, rejeitou a visita de um padre, que por certo desejava rezar pela alma dela. Mas, em contrapartida, foi um sacerdote católico que lhe ensinou latim quando era menino. Ainda assim, essa dedicação escolástica recebida não o impediu de ser um autor anticlerical, mesmo numa ocasião em que a religião Católica exercia grande poder de interferência sobre a vida das pessoas.

Isso também porque a Capital Federal sofria influenciadas das ideias de secularização vindas da Europa que, de certa maneira, intervinham na forma de crer e de pensar das pessoas. Do mesmo modo, o comportamento cético de Machado de Assis se manifestava porque boa parte do século XIX foi marcada pelo abandono do sagrado para desfrutar uma experiência nova e profana no mundo. É o que Eliade, cientista das religiões, vai chamar de dessacralização¹¹⁹ – uma tendência que se manifestou no contexto brasileiro. Nesse sentido, o cronista João do Rio ponderou:

Ao ler os grandes diários, imagina a gente que está num país essencialmente católico, onde alguns matemáticos são positivistas. Entretanto, a cidade pulula de religiões. Basta parar em qualquer esquina, interrogar. A diversidade dos cultos espantar-vos-á¹²⁰.

O leitor machadiano, em sua grande maioria, era religioso. Entretanto, pela descrição do cronista acima, percebe-se que o cristianismo já não era a única religião presente no Estado do Rio de Janeiro. Mesmo assim, o romance *Dom Casmurro* traz fortes marcas do catolicismo romano. Tal tendência se manifesta em cada parte do texto, e toda Formação Discursiva é construída recheada de costumes e práticas católicas romanas. O século XIX, no Brasil, representa um mundo

¹¹⁸ A análise proposta neste capítulo também segue os postulados da Análise do Discurso de linha francesa. Só que desta vez utilizando o Contexto Histórico Discursivo como elemento para análise da obra em estudo. Essa prática se realiza aqui por intermédio da dualidade, que é característica da linguagem religiosa. Essa dualidade se manifesta estilisticamente mediante uma figura de linguagem intitulada antítese, que é a aproximação de palavras ou expressões de natureza opostas, ou seja, que possuem significados contrários. Desse modo, objetiva-se compreender os fios que tecem os discursos machadiano, a fim de se perceber a influência do Discurso Religioso Católico em *Dom Casmurro*, detendo-se nas análises dos Recortes Discursivos selecionados, que nem sempre seguem a ordem de construção do enredo da narrativa em estudo. Cabe destacar ainda que esses recortes são citados por meio de fragmentos dos capítulos que compõem *Dom Casmurro*.

¹¹⁹ Cf. ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 29.

¹²⁰ RIO, João do. *As religiões no Rio*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.

permeado de valores religiosos. E, já que homem nenhum tem como evitar as influências ideológicas do Contexto Discursivo de que faz parte, o leitor machadiano se formou dentro de um cosmos sacralizado, mas, mesmo assim, *Dom Carmuro* é um romance que põe a religião em xeque.

Quando se fala em cosmos, dentro de uma perspectiva eliadiana, entende-se que é um lugar que se origina a partir do seu centro, de um ponto central. O homem devoto sente a necessidade de existir sempre em um mundo total, organizado, centralizado, já que a criação do homem é uma representação da cosmogonia¹²¹. Tal concepção se torna uma realidade pelo fato de o primeiro homem ter sido criado no centro da terra, ou seja, no Paraíso. Esse símbolo cósmico é retomado nos santuários que são construídos para adoração a deuses. Assim sendo, de acordo com Eliade,

[...] o 'nosso mundo' é um Cosmos, qualquer ataque exterior ameaça transformá-lo em 'Caos'. E dado que 'nosso mundo' foi fundado pela imitação da obra exemplar dos deuses, a cosmogonia, os adversários que o atacam são equiparados aos inimigos dos deuses, os demônios, e sobretudo ao arquidemônio, o Dragão primordial vencido pelos deuses no início dos tempos¹²².

Diante do supracitado, qualquer desordem no cosmos é símbolo de desacralização. Logo, criticar os costumes de uma burguesia, que se dizia religiosa, influenciada por discurso de piedade fez com que Machado de Assis desorganizasse o cosmos. O *Bruxo do Cosme Velho* soube, como ninguém, combater e atacar as influências do Discurso Religioso Católico de sua época e, assim, dessacralizar totalmente o cosmos. Isso foi possível porque só há dessacralização porque existe o sagrado. O enunciador em sua vida rejeitou a sacralização de seu tempo, vivendo como homem não religioso, assumindo uma posição cética, apesar de leitor da Bíblia. Tal afirmação se justifica pelo fato de a existência profana não se encontrar em seu estado pleno. De acordo com Eliade, "Seja qual for o grau da dessacralização do imundo a que tenha chegado, o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso."¹²³.

¹²¹ Teoria adotada por todas as religiões para explicar a origem do universo, o surgimento do ser vindo do nada. Cf. SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Crenças, seitas e símbolos religiosos*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 114.

¹²² ELIADE, 2008, p. 29.

¹²³ ELIADE, 2008, p. 18.

No capítulo LXXX, Bentinho (o Sujeito Discursivo que narra de forma diegética¹²⁴ *Dom Casmurro*) dismistifica a esfera religiosa quando relata a devoção da mãe, a falta que ela sentia dele quando estava se preparando para se tornar padre e de como conseguiu se livrar do seminário sem “descumprir” a promessa feita por ela. Sabendo disso, dirigiu-se ao interlocutor na tentativa de buscar aprovação de seus atos e declara: “Hás de ter tido conflitos parecidos com esse, se és religioso, haverás buscado alguma vez conciliar céu e terra [...]”¹²⁵.

Primeiramente, Bentinho, ao levantar essa possibilidade sobre o interlocutor (“se és religioso”), fê-la de maneira quase que desnecessária porque naquela época o leitor machadiano possuía uma religião. Ser devoto do catolicismo romano representava *status* social para a burguesia, porque era a religião dominante e predominante daquele momento, com poder estatal. Frequentar outra casa de culto era quase caso de “polícia”, sinônimo de profanação. Assim, o enunciador de *Dom Casmurro* possuía um leitor implícito, já previsto na Formação Discursiva do romance em análise. Para o homem religioso existem dois espaços no cosmos. A respeito disso, Eliade explicita:

Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência ‘forte’, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso essa não-homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único que é real, que existe realmente – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca¹²⁶.

Por conseguinte, dessacralizar esse espaço, desfazendo da manifestação do sagrado é uma grande ofensa para o homem religioso; entretanto, Machado de Assis não se preocupou com esse fato ao construir todo o enredo do romance em análise. A heterogeneidade do cosmos em *Dom Casmurro* se apresenta de várias maneiras; portanto, vale destacar algumas ocorrências.

Uma passagem que intensificou a dessacralização do cosmos encontra-se no capítulo CXXXII onde o narrador protagonista sugere a possível traição da esposa. Bentinho não explicitou que ela tenha ocorrido, mas o tempo todo insinuou a

¹²⁴ Narrador que conta as próprias experiências como personagem central delas. Em tal narrativa, o registro gramatical em 1ª pessoa se manifesta como consequência natural dessa coincidência narrador/protagonista. Cf. REIS, C.; LOPES, A. C. M. *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina, 2000. Disponível em: <<https://nilviapantaleoni.wordpress.com/2013/05/10/o-texto-narrativo-reis-c-lobes-a-c-m-dicionario-denarratologia-coimbra-almedina-2000-adaptado-por-nilvia-pantaleoni/>>.

Acesso em: 27 jan. 2017.

¹²⁵ ASSIS, 2009, p. 127.

¹²⁶ ELIADE, 2008, p. 17.

consumação do ato, em especial, quando descreve a figura do “filho” Ezequiel, que estava crescendo e se parecendo muitíssimo com o amigo Escobar.

Não só os olhos, mas as restantes feições, a cara, o corpo, a pessoa inteira, iam-se apurando com o tempo. Eram como um debuxo primitivo que o artista vai enchendo e colorindo aos poucos, e a figura entra a ver, sorri, palpita, falar quase, até que a família pendura o quadro na parede, em memória do que foi e já não pode ser. Aqui pode ser e era¹²⁷.

Diante de tal suposição, que vai se repetindo de forma intensificada no decorrer da Formação Discursiva machadiana, o enunciador configura a construção do triângulo amoroso, que é uma das características da prosa realista, provocando grande escândalo para os leitores da época. Afinal, isso ocorre num período em que o casamento ainda representava uma união divina, não podendo ou não sendo comum apresentar qualquer possibilidade de traição por ser algo sacralizado; em especial por parte de uma mulher que, dentro daquele Contexto Discursivo, convivia com uma sociedade burguesa permeada de ideologias patriarcais, que se baseavam no Discurso Religioso Católico. Na concepção de Eliade, “Seja qual for o contexto histórico em que se encontra, o *homo religiosus* acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo que aqui se manifesta, santificando e o tornando real”¹²⁸. Por isso, então, o casamento ser dessacralizado em *Dom Casmurro*, provocando, por certo, reações negativas no público leitor.

E, para dessacralizar o comportamento da sociedade burguesa, que vivia de aparências, rompendo com os princípios religiosos que apregoavam uma vida de verdades, união familiar, humildade, etc., Machado de Assis, no final do romance, fez com que Capitu e Ezequiel fossem morar na Europa, longe de Bentinho que, por sua vez, não fez questão da presença dos familiares que tanto estimou. O Sujeito Discursivo titular desse romance declara, no capítulo CXLI, que diversas vezes visitou a Europa e sequer os procurou.

Embarquei um ano depois, mas não a procurei, e repeti a viagem com o mesmo resultado. Na volta, os que lembravam dela, queriam notícias, e eu dava-lhes como se acabasse de viver com ela; naturalmente as viagens eram feitas com o intuito de simular isso mesmo, e enganar a opinião¹²⁹.

¹²⁷ ASSIS, 2009, p.183.

¹²⁸ ELIADE, 2008, p. 81.

¹²⁹ ASSIS, 2009, p. 193.

Como se apreende, essas viagens eram intencionais, simplesmente para manter as aparências. A indiferença com que Bentinho tratou a esposa e o filho, registrada nesse trecho, parece ser criada pelo literato propositalmente. Um amor que, após o casamento, durou pouco tempo, apagado por tempestades de ciúmes, desconfianças, decepções, etc. Logo, uma visão de amor contraditória ao que se pregava na ocasião no ceio de uma família burguesa, tornando-se então um sentimento infinito, porém enquanto durasse.

Com isso, percebe-se uma crítica do enunciador de *Dom Casmurro* ao comportamento da sociedade burguesa de seu tempo, que preferia viver de aparências a enfrentar seus próprios problemas. De acordo com o discurso machadiano, infere-se que o *ter* para a burguesia do Segundo Império estava muito acima do *ser*. Portanto, o literato se ficcionou seguindo características da estética realista na construção de sua narrativa, questionando os valores morais burgueses ao retratar as imperfeições humanas, deixando claro a fragilidade do caráter das personagens.

Para Eliade “O comportamento religioso dos homens contribui para manter a santidade do mundo.”¹³⁰. O contrário também é uma realidade. É justamente o que acontece na forma de ser da burguesia que colaborou também para desacralizar o cosmos em *Dom Casmurro*.

3.1 Mundo religioso X mundo dessacralizado

O mundo religioso em *Dom Casmurro* é caracterizado por princípios ideológicos da fé católica. Tal evidência aparece em diversos episódios da narrativa, contribuindo para a construção do enredo da obra em análise. Entre os muitos trechos do romance marcados pela sacralidade, cabe salientar aqui alguns que registram essa característica. Inicialmente, o momento em que o agregado José Dias elogia D. Glória por não ter desistido de fazer de Bentinho padre. Em seguida, ratificou para ela os benefícios que se tinha na época o exercício do sacerdócio, até porque a igreja possuía frente ao Estado, prestígios, desfrutando certo poder governamental, fazendo dos seus sacerdotes participantes políticos, pessoas de destaque na sociedade. Sobre esse fato, afirma Bentinho no capítulo III:

¹³⁰ ELIADE, 2008, p. 52.

Bem, uma vez que não perdeu a ideia de o fazer padre tem-se ganho o principal. Bentinho há de satisfazer aos desejos de sua mãe. E depois a igreja brasileira tem altos destinos. Não esqueçamos que um bispo presidiu a Constituinte, e que o padre Feijó governou o império [...] ¹³¹.

Por meio do evento narrado, compreende-se que a promessa, como práxis da religião, é uma atividade assumida com responsabilidade, menos para Bentinho, que, pelo trecho citado, estava, com frequência, deixando de cumpri-la. Logo, apesar da irresponsabilidade presente no comportamento do narrador protagonista, o descumprimento das promessas produzia nele peso, sentimento de dívida, principalmente quando dependia de outro favor de Deus, que era algo constante. Outrossim, vale destacar, no capítulo XXIX – ocasião em que Bentinho estava passeando com José Dias. Durante o percurso, a personagem declara para o agregado que não quer se tornar padre e lhe pediu ajuda, disse que estudava até leis, se fosse o caso. Diante da aflição vivida pelo narrador, José Dias promete-lhe auxiliar. Em seguida, o agregado diz para Bentinho se apegar a Deus, pois Ele era dono de tudo.

– Pegue-se também com Deus, – com Deus e Virgem Santíssima, concluiu apontando para o céu. [...] – Deus fará o que o senhor quiser. – Não blasfeme, Deus é dono de tudo; Ele é, só por si, a terra e o céu, o passado, o presente e o futuro. Peça-lhe a sua felicidade, que eu não faço outra coisa [...] ¹³².

Com tal declaração do agregado, compreende-se como no mundo religioso constituído no universo discursivo machadiano as personagens acreditavam na soberania de Deus para realizar o desejo dos corações delas; mesmo levando em consideração o fato de José Dias utilizar essas palavras de conforto, trazendo segurança a Bentinho, com o intuito de aproveitar da situação para viajar. Apesar disso, infere-se que os princípios do Discurso Religiosos Católico imperavam nas mentes das pessoas da época. Logo, tais trechos supracitados apenas reforçam a representação de uma realidade já existente.

Um novo trecho que segue a mesma tendência encontra-se no capítulo CIV. Bentinho, casado de pouco, fala da amizade da família dele com a de Escobar. E, em certo momento da narrativa, lastima com o amigo por não ter ainda um filho.

¹³¹ ASSIS, 2009, p. 23.

¹³² ASSIS, 2009, p. 57.

Escobar, para justificar tal falta e acalmar o coração aflito do amigo, utiliza de vocábulos que fazem parte da Formação Discursiva religiosa: “– Homem, deixa lá. Deus os dará quando quiser, se não der nenhum é que os quer para si, e melhor será que fiquem no céu. – Uma criança, um filho é complemento natural da vida. – Virá se for necessário.”¹³³.

Como se percebe, de acordo com o Discurso Religioso Católico, tudo acontece debaixo da soberania de Deus, pois, assim foi com o nascimento do protagonista e, agora, com a dádiva de um filho. Essas palavras, de certa maneira, não foram facilmente compreendidas por Bentinho que tanto desejou ser pai, como se constata nesse momento da narrativa. Contudo, o discurso de Escobar parece antecipar os grande conflitos que o casal Bento Santiago e Capitu viveriam mais adiante com o nascimento e crescimento do filho Ezequiel.

Em outra perspectiva, o mundo dessacralizado em *Dom Casmurro* é simulado também por uma atmosfera regida por princípios alicerçados no Discurso Religioso Católico. Os Sujeitos Discursivos do romance deixaram de seguir tais doutrinas por motivos pessoais diversos, transformando-se, assim, em mundo caótico, verdadeiro caos, um ambiente desorganizado. Na obra em estudo, encontram-se variados episódios em que tais características aparecem de forma latente, entretanto, sutil, contribuindo para a construção da trama.

Bentinho é a principal personagem dessacralizadora de *Dom Casmurro*, o narrador autodiegético, mesmo tendo passado pelo seminário, nega a religião. Essa tendência se apresenta de maneira perspicaz, com ar de pureza e sacralidade, até porque a religião da burguesia dominante e predominante na ocasião era de matriz cristã. Portanto, a dessacralização do cosmos acontece de maneira disfarçada, com aparência de sacralidade, por isso, somente um leitor atento é capaz de percebê-la. Sendo assim, as características dessacralizadoras não aparecem nos trechos explicitamente. A classe burguesa que configura os Sujeitos Discursivos envolvidos na Formação Discursiva do romance em avaliação não poderia romper com tais princípio de forma declarada, por uma questão de *status* social. Entre os muitos episódios marcados pela dessacralidade, cabe destacar aqui alguns que registram essa tendência.

¹³³ ASSIS, 2009, p. 154.

O primeiro trecho que merece destaque como símbolo de um mundo dessacralizado localiza-se logo no início da narrativa quando Bentinho justifica os motivos que o levaram a escrever o romance em análise. No capítulo II, o Sujeito Discursivo diz que deseja escrever um livro para variar, porque estava vivendo uma monotomia, apesar de desfrutar bem da vida. Então, influenciado por personagens pintadas na parede da casa em que morava no Engenho Novo que representam figuras importantes da história antiga, numa espécie de necromancia, decide entre variadas temáticas e estilos vindos à mente, escrever um livro de memórias, já que as próprias imagens desenhadas não eram suficientes para reconstruir a história dele. Assim, nasce o livro *Dom Casmurro*, na concepção do narrador protagonista do romance:

Ora, como tudo cansa, esta monotomia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembro-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois pensei em fazer uma *História dos Subúrbios*, menos secas do que as memórias do padre Luís Gonçalves dos Santos, relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas, como premilinares, tudo árduo e longo. Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me os tempos idos, pegavasse a pena e contasse alguns¹³⁴.

A partir dessa citação, observa-se inicialmente que Bentinho recebeu a orientação temática para a escrita do livro das personagens pintadas na parede da casa dele, de forma bem mística. Diante de tal ocorrência, compreende-se que essas imagens não representavam figuras religiosas, a quem se pudesse servir de instrumento de orientação transcendental para a confecção de algo na terra. Um bom religioso do catolicismo da época diria que qualquer orientação que recebeu para construir um objeto viria do céu, especificamente de Deus, e não de figuras pintadas na parede, principalmente de Nero, que foi um imperador muito mau para os cristãos. Conta a historiografia que, certa vez, Nero, perseguindo os cristãos, fez de vários deles tochas humanas pregadas no jardim de casa. Por isso então, considera-se essa referência a primeira característica de um mundo dessacralizado.

Ainda, nessa mesma passagem, percebe-se depois do explicitado que provavelmente o motivo principal que levou Bentinho a compor tal obra não foi tão nobre como está registrado. Ele, por certo, vivia nesse momento alguns conflitos emocionais porque perdeu a esposa, a pessoa quem amou desde a infância com um

¹³⁴ ASSIS, 2009, p. 21.

sentimento puro, além do filho, que foi uma criança tão esperada para completar a alegria do lar. Assim, diante de tantas crises emocionais, acredita-se que o narrador do livro de memórias escreveu-o para desabafar e, por seu turno, convencer o interlocutor de que o Sujeito Discursivo que narra esse romance não contribuiu para a construção dos finais trágicos na vida de Capitu e Ezequiel, também o fez para não sofrer com as perdas. A dessacralização nesse trecho se configura de forma implícita quando Bentinho não assume os verdadeiros motivos de escrever a narrativa, ao dizer que escreveu um livro contando as memórias dele porque não tinha nada para fazer.

Mais um trecho que merece destaque. Está no capítulo CVII, quando o narrador protagonista, Bento Santiago, descreve o estreitamento da amizade entre ele, Capitu e Escobar.

A verdade é que fiquei mais amigo de Capitu, se era possível, ela ainda mais meiga, o ar mais brando, as noites mais claras, e Deus mais Deus. E não foram propriamente as dez libras esterlinas que fizeram isto, nem o sentimento de economia que revelavam e que eu conhecia, mas as cautelas que Capitu empregou para o fim de descobrir-me um dia o cuidado de todos os dias. Escobar também se me fez mais apegado ao coração. As nossas visitas foram se tornando mais próximas, e as nossas conversas mais íntimas¹³⁵.

Assim, diante do que se lê, observa-se a intensificação da amizade entre Bentinho e Capitu. Essa construção dessacraliza o que pode se chamar de casamento fundamentado no Discurso Religioso Católico, ao sugerir uma provável traição, mas sem que isso seja explicitado com clareza no episódio supracitado; somente se compreende por meio de uma leitura atenta das entrelinhas desse trecho. O Sujeito Discursivo titular desse excerto paulatinamente no percurso da narrativa constrói justificativas que sugerem o envolvimento amoroso entre Capitu e Escobar, sem que tal questão seja afirmada com exatidão, mas persuade discursivamente o leitor para inferir esse julgamento, claro, a favor do narrador.

3.2 Bentinho X Bento Santiago X “Dom Casmurro”

Machado de Assis, no romance em análise, através de sua Formação Discursiva registra diferentes fases da vida de Bentinho. Aqui essas etapas serão

¹³⁵ ASSIS, 2009, p. 158.

delimitadas a partir do uso de três vocábulos importantes que nomeiam o Sujeito Discursivo titular desse romance. Então, sugere-se que Bentinho, Bento Santiago e *Dom Casmurro* marcam tais etapas vividas pelo narrador de *Dom Casmurro*, que conta suas recordações numa espécie de autobiografia ficcional. Assim sendo, os fatos que relata, ao mesmo tempo em que foram vivenciados pela personagem, são lembranças vagas ou incompletas de *Dom Casmurro* e, quem sabe, a própria causa da metamorfose Bentinho/*Dom Casmurro*.

Bentinho, desde de muito novo, começou a desfrutar dos primeiros conflitos que a vida pôde lhe oferecer, em uma atmosfera marcada por fortes ideologias religiosas. Tais confusões tentavam impedir o rapaz de ser aquilo que ele realmente gostaria de ser. Desse modo, a personagem convivia quase sempre com uma dualidade que é característica imprescindível na existência de quem convive em um cenário marcado pela influência do Discurso Religioso Católico. Para evidenciar tal fato, faz-se necessário avaliar alguns trechos da obra machadiana que apresentam registros dualísticos presentes na figura de Bentinho, narrador e Sujeito Discursivo de *Dom Casmurro*.

Bentinho, indo contra os planos de Dona Glória, sem que ela soubesse, estava enamorado de Capitu. José Dias tentou de várias formas fazer com que tal aproximação não acontecesse, mas não teve jeito, a força do amor foi mais intensa e venceu essa batalha. No capítulo XXXIII, encontra-se referência ao primeiro beijo de Bentinho e Capitu. Antes da consumação do ato, o narrador declara nesses fragmentos que está vivendo um momento de êxtase ao pentear os cabelos longos de Capitu e roçar os dedos na nuca da pequena. Logo depois anuncia o acontecido:

Grande foi a sensação do beijo; Capitu ergueu-se, rápida, eu recuei até à parede com uma espécie de vertigem, sem fala, os olhos escuros. Quando eles me clarearam, vi que Capitu tinha os seus no chão. Não me atrevi a dizer nada; ainda que quisesse, faltava-me língua. Preso, atordado, não achava gosto nem ímpeto que me descolasse da parede e me atirasse a ela com mil palavras cálidas e mimosas... Não mofes dos meus quinze anos, leitor precoce. Com dezessete, Des Grieux (e mais era Des Grieux) não pensava ainda na diferença dos sexos¹³⁶.

Numa mistura de prazer e ingenuidade, o casal desfruta do primeiro beijo, ficando sem reação diante do ocorrido. Esse comportamento acanhado é produzido não somente porque foi a primeira vez que se beijavam, mas também porque

¹³⁶ ASSIS, 2009, p. 66.

iniciaram um relacionamento “proibido”. Se Bentinho era fruto de uma promessa e estava se preparando para estudar no seminário a fim de virar padre, os interesses do garoto deveriam ser outros. É como se ele estivesse sendo desvirtuado dos planos divinos por Capitu, dessacralizando o voto a Deus feito pela mãe. Uma mulher que, pela sua devoção e gratidão ao sagrado, tomaria qualquer atitude para impedir que tal ato se concretizasse. Com certeza, na opinião de Dona Glória, valeria muito mais obedecer a Deus do que agradar naquele momento os desejos de Bentinho, apesar dos sentimentos do filho serem importantes para ela. De tal modo, o narrador protagonista com o comportamento que teve iniciou sua transgressão contra os princípios recebidos de sua mãe que eram influenciados pelo Discurso Religioso Católico.

Bento Santiago, depois de cinco anos de estudos, volta de São Paulo bacharel em Direito. Agora, livre do seminário, maduro e preparado para a vida, começa a pensar no casamento que, naquela época, era sinônimo do início da felicidade na vida de uma pessoa; e, na carreira de advogado, que era uma função de muito apreço no final do século XIX, pois, como profissão, já fazia parte de um dos elementos do Poder Judiciário.

A relação entre matrimônio e felicidade foi construída por meio das influências do Discurso Religioso Católico, mas, por sua vez, Machado de Assis faz de tal princípio instrumento de crítica contra a estética romântica, pois o enunciador, ao escrever o romance em estudo, como citado anteriormente, desfrutava de sua fase realista, cuja análise da fragilidade do comportamento humano e a crítica à burguesia foram características bem mais importantes para a ocasião do que as temáticas do amor e da felicidade. No capítulo C, o literato através de Bento Santiago, salienta:

No quarto, desfazendo a mala e tirando a carta de bacharel de dentro da lata, ia pensando na felicidade e na glória. Via o casamento e a carreira ilustre, enquanto José Dias me ajudava calado e zeloso. Uma fada invisível desceu ali, e me disse em voz igualmente macia e cálida: “Tu será feliz, Bentinho; Tu vais ser feliz”. – E por que não seria feliz? perguntou José Dias endireitando o tronco e fitando-me. – Você ouviu? perguntei eu erguendo-me também, espantado. – Ouvi o quê? – Ouvi uma voz que dizia que eu seria feliz? – É boa! Você mesmo é que está dizendo...¹³⁷.

¹³⁷ ASSIS, 2009, p. 148-149.

Além da crítica à estética romântica, tem-se no trecho acima menção ao aparecimento de uma fada como se fosse uma figura mística, fazendo uma predileção positiva sobre o futuro de Bento Santiago, numa espécie de sacralização, de manifestação do sagrado. Logo, acreditando desfrutar de um futuro feliz, Bento Santiago casa-se com Capitu e vivem felizes entre os amigos, familiares e variados passeios ou espetáculos, até sentirem falta de um filho. Tempos depois, Capitu engravida e nasce Ezequiel. Um menino robusto e esperto que, realmente nos seus primeiros anos de vida, trouxe muita alegria para os pais. Bento Santiago, em certo momento da narrativa, declara que não tinha sentido um contentamento tão grande em sua vida como experimentou quando o filho veio ao mundo.

Ao contrário desse momento de alegria e projeções futuras, no capítulo CXXIII, encontra-se o episódio que descreve o fim da amizade entre Bento Santiago e Escobar. Foram amigos tão próximos que, certa feita, o narrador protagonista chega a revelar que as casas deles eram como se fossem apenas uma, faziam projetos em família, porém todo esse ambiente agradável e fraternal foi desconstruído, desorganizado, dessacralizado com a morte de Escobar, uma catástrofe que nunca ninguém esperava acontecer.

Tudo acaba, leitor: é um velho truísmo. [...]. O nosso castelo era sólido, mas um domingo... Na véspera tínhamos passado a noite no Flamengo, não só os dois casais inseparáveis, como ainda o agregado e a prima Justina. Foi então que Escobar, falando-me à janela, disse-me que fosse lá jantar no dia seguinte; precisávamos falar de um projeto em família; um projeto para os quatro¹³⁸.

Assim, uma amizade foi interrompida, como acontecem com os hiatos na separação silábica. Machado de Assis põe fim em tal amizade que, na verdade, parecia mais um triângulo amoroso do que laços contruídos entre amigos, a fim de construir uma nova era na vida de Bento Santiago, depois de ele desfrutar do melhor da juventude: casamento, filho, amigos, jantares, bailes, festas, teatro, etc. Portanto, infere-se que Bento Santiago realmente usufruiu a felicidade, no entanto durou pouco, quando se leva em consideração as decepções relatadas em função de um relacionamento frustrado. Parece que esses momentos encantadores e mágicos na vida do Sujeito Discursivo titular de *Dom Casmurro* foram muito mais contruídos por Escobar do que por Capitu.

¹³⁸ ASSIS, 2009, p. 171.

Por fim, surgiu *Dom Casmurro*. De tal modo foi apelidada a personagem por um rapaz do bairro que, de dentro de um trem da Central voltando para casa, queria atenção, a qual lhe fora renegada porque o protagonista preferiu cochilar quando estava fazendo o trajeto. Nos trechos do capítulo I, *Dom Casmurro* ressalta que não faz uso desse apelido com o mesmo valor pejorativo atribuído pelos dicionários.

Não consulte dicionários. Casmurro não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. *Dom* veio por ironia, para atribuir-me fundos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração; se não tiver outro daqui até ao final do livro, vai ser este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo rancor. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto¹³⁹.

Igualmente, surgiu o apelido que configurou o título da obra em análise, um apelido posto, não por acaso. Para os amigos da cidade de *Dom Casmurro*, o apelido significava uma gozação, uma brincadeira, sem nenhuma conotação depreciativa. Mas para um homem que vivenciou tudo o que foi relatado nos episódios do romance, ser chamado de *Dom Casmurro* faz todo sentido ao levar em consideração a significação denotativa da palavra casmurro: teimoso, obstinado, cabeçudo.

Dom Casmurro de Machado de Assis é um romance com um Sujeito Discursivo tentando convencer o interlocutor da veracidade do dito e do não dito presentes na obra. Um livro contruído em formato de memorial para que – segundo *Dom Casmurro*, no capítulo II – “atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência”¹⁴⁰. Um ato nobre de reviver momentos marcantes desfrutados por um homem que foi amado, porém não se sabe se amou com a mesma intensidade. Entorpecido pelo ciúme chega a sugerir uma possível traição praticada pela própria esposa, dessacralizando a figura feminina que ainda era vista como um ser angelical, ou seja, uma figura sacralizada. Em vários episódios do romance, encontra-se o narrador protagonista atribuindo esse adjetivo tanto à Dona Glória quanto à Capitu.

¹³⁹ ASSIS, 2009, p. 19-20.

¹⁴⁰ ASSIS, 2009, p. 21.

3.3 A agonia da alma X o memorial

Uma alma agonizada e angustiada deseja contar seu sofrimento vivido, quase sempre se colocando como vítima da situação conflituosa. É justamente o que ocorre em *Dom Casmurro* em que o enunciador, com um Sujeito Discursivo em primeira pessoa, não permite ao interlocutor conhecer a versão de Capitu, que é silenciada e manipulada o tempo todo no processo de Formação Discursiva. Pode ser que o verdadeiro motivo que impulsionou a escrita do romance em estudo tenha sido a tentativa de aliviar o sofrimento da alma perturbada de Bentinho por tudo que fez e viveu no relacionamento com Capitu. A escrita do livro seria uma forma de perpetuar a contação da trágica história, assim como acontece com uma pessoa agonizada que só quer falar sobre as decepções e amarguras vivenciadas, como se estivesse em busca de um remédio para aliviar a dor sentida.

É claro que os fatos supracitados são suposições que jamais foram ditas claramente por Bentinho no relato da narrativa. De acordo com o que ele afirma, os motivos de escrever o livro são outros. Mas depois que fala sobre isso, o narrador protagonista, no capítulo II, chega a dizer que, para atar as duas pontas da vida e restaurar na velhice a juventude, precisava se encontrar, como se ele tivesse perdido a si mesmo no decorrer da vida, diante de tantos conflitos vivenciados.

Pois, senhor, não consigo recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consolasse mais ou menos das pessoas que perde; mas faltou eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está, mal comparando, semelhante a pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não aguenta tinta¹⁴¹.

Como se percebe, a ausência que Bentinho sente dele mesmo, de como era desde a juventude, é muito mais forte do que a perda da esposa e do filho. Logo, encontrar-se seria uma solução sugerida pelo Sujeito Discursivo para ser uma pessoa completa. Para isso, decide reviver sua história através da escrita do romance em estudo.

Diante de tudo que a personagem viveu desde a narrativa da infância, depreende-se que o relacionamento com Capitu, apesar de ter sido conturbato, configura momentos singulares na trajetória de vida do Sujeito Discursivo titular de

¹⁴¹ ASSIS, 2009, p. 21.

Dom Casmurro. Na Formação Discursiva de tal romance, observa-se no capítulo CV que os bons momentos desfrutados pelo casal Bentinho e Capitu são contados com certo saudosismo.

No mais, tudo corria bem. Capitu gostava de rir e divertir-se e, nos primeiros tempos, quando íamos a passeios ou espetáculos, era como um pássaro que saísse da gaiola. Arranjava-se com graça e modéstia. Embora gostasse de joias, como as outras moças, não queria que eu lhe comprasse muitas nem caras, e um dia afligiu-se tanto que prometi não comprar mais nenhuma; mas foi só por pouco tempo¹⁴².

Ainda, no trecho acima Bentinho, evidencia-se como era feliz com a esposa, saíam e passeavam, curtiam bastante a vida, chega até admirar a simplicidade de Capitu que não queria que ele lhe comprasse joias. Assim, são tais lembranças que serviriam para ajudar o narrador a se encontrar, acalmando as agonias da alma e, quem sabe, depois sentir-se arrependido do que fez.

Mais um episódio em que se encontram registros saudosistas das memórias de Bentinho está no capítulo XIII. Nele, o narrador protagonista dessa narrativa descreve como era constituído o muro que separava a casa dele da casa de Capitu. Parece que, propositalmente, a porta de acesso de um quintal ao outro, naquele momento de infância desfrutado pelos dois amigos, representava um liame que desde cedo possuíam. Então, Bentinho registra:

Havia ali uma porta de comunicação mandada rasgar por minha mãe, quando Capitu e eu éramos pequenos. A porta não tinha chave nem taramela; abria-se empurrando de um lado ou puxando de outro, e fechava-se ao peso de uma pedra pendente de uma corda. Era quase que exclusivamente nossa. Em crianças, fazíamos visitas batendo de um lado, e sendo recebido do outro com muitas mesuras. Quando as bonecas de Capitu adoeciam, o médico era eu. Entrava no quintal dela com um pau debaixo do braço, para imitar o bengalão do doutor João da Costa; tomava o pulso à doente, e pedia-lhe que me mostrasse a língua¹⁴³.

Dessa forma, a personagem narra a liberdade de acesso que ambos tinham de um quintal ao outro e como juntamente com Capitu brincavam quando eram crianças. Momentos marcados por um amor pueril e singelo, que já na idade adulta Bentinho lembrar, trazia-lhe alegria e satisfação de tudo que desfrutou ao lado de sua vizinha e amiga. Vivenciar esses episódios criava para o Sujeito Discursivo de *Dom Casmurro* a certeza de que valeu a pena deleitar-se com tal relacionamento e,

¹⁴² ASSIS, 2009, p. 154.

¹⁴³ ASSIS, 2009, p. 36.

ao mesmo tempo, a pureza e a alegria da infância que apaga quaisquer resquícios de um passado trágico e sofredor. Assim, contando os fatos que foram apresentados, a alma de Bentinho, por certo, receberia bálsamos de frescor e desejo de viver novamente.

3.4 A casa de Bentinho X o seminário

A figura da casa onde Bentinho morou quando criança aparenta ter um significado muito especial para ele. Tal observação se confirma no processo de Formação Discursiva do romance em análise. Como exemplo disso, basta lembrar que, no início da narrativa, o protagonista que a conduz conta, no capítulo II, um pouco sobre essa ocorrência:

Vivo só com um criado. A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito, levado de um desejo tão particular que me vexa imprimi-lo, vais lá. Um dia, há bastante anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Matacavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu. Construtor e pintor entenderam bem as indicações que lhes fiz: é o mesmo prédio assombrado, três janelas de frente, varanda ao fundo, as mesas alcova e sala. Na principal desta, a pintura do teto e das paredes é mais ou menos igual, uma grinalda de flores miúdas e grandes pássaros que as tomam nos bicos de espaço a espaço¹⁴⁴.

Por meio do discurso machadiano, depreende-se que tal significação, ao mesmo tempo que parece ser mais uma tentativa de resgatar o passado vivendo-o em um tempo presente, envolve experiências místicas. Para que esse resgate se tornasse mais fácil, Bentinho constrói uma casa seguindo o mesmo padrão arquitetônico da que morou na infância. Essa moradia representa para o Sujeito discursivo um lugar quase que sagrado, o aconchego do lar. Local onde ele era a única criança, onde tudo girava em torno dele, como se fosse um ambiente idealizado, seguro, perfeito para qualquer pessoa desfrutar de uma vida de paz, alegria e grandes realizações. Além disso, era o lugar onde Bentinho possuía a presença de Capitu, que como já foi dito, era vizinha dele de muro.

Não só a mãe mas todos os outros Sujeitos Discursivos moradores da casa de Bentinho tentavam fazer de tudo para contribuir com a boa educação do menino. O padrão de instrução baseava-se em princípios fundamentados no Discurso

¹⁴⁴ ASSIS, 2009, p. 20.

Religioso Católico, muito comum no ambiente de uma família burguesa do final do século XIX. Assim, o narrador cresceu no seio da família, desfrutando como filho único de toda atenção, sem ter que dividir com ninguém. Talvez seja por isso que o Sujeito Discursivo de *Dom Casmurro* representa uma personagem tão egocêntrica, ciumenta e reclusa. Desde muito cedo, acostumou-se a estar no centro das atenções e, ao mesmo tempo, ser agradado em tudo, como se realmente fosse um fidalgo; provavelmente, por isso então, o uso do vocábulo “Dom” no título do livro em estudo.

Por sua vez, estar em casa seria uma maneira discreta de Bentinho se aproximar de Capitu. Dessa forma, a casa da personagem foi o ambiente onde o casal apaixonado se encontrava. Capitu, depois da ausência do amigo, não saía mais da casa dele, fazendo companhia à Dona Glória, que sentia muita saudade do filho. Uma vez até lhe serviu de enfermeira em um momento de enfermidade. Assim sendo, a partida do protagonista para o seminário quebrou no universo discursivo machadiano a imagem da construção da casa como se fosse um *locus amoenus*¹⁴⁵. Agora, no seminário, Bentinho era apenas mais um estudante/seminarista no meio dos demais; contudo, aos poucos, acabou se acostumando com a vida nova. No capítulo LXV, lê-se:

Chegou o sábado, chegaram outros sábados, e eu acabei afeiçoando-me à vida nova. Ia alterando a casa e o seminário. Os padres gostavam de mim, os rapazes também, e Escobar mais que os rapazes e os padres. No fim de cinco semanas estive quase a contar a este minhas penas e esperanças; Capitu refreou-me¹⁴⁶.

No início, a adaptação do novo estilo de vida morando no seminário não foi muito difícil para Bentinho; entretanto, quem sofreu mais foi Dona Glória que não se via sem a presença do filho, apesar de saber que estava pagando o preço do cumprimento de uma promessa. Diante de tal sofrimento, certa vez ficou doente e pediu que buscassem Bentinho no seminário. O incubido dessa tarefa foi José Dias. No capítulo LXVII, a personagem narra a sua chegada a casa:

Enfim, chegamos, entramos, subi trêmulo os seus degraus da escada, e daí a pouco, debruçado sobre a cama ouvi as palavras ternas de minha mãe que me apertava muito as mãos, chamando-me seu filho. Estava queimando, os olhos ardiam nos meus, toda ela parecia consumida num

¹⁴⁵ Expressão árcaica que significa basicamente “lugar agradável”. Cf. MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 448.

¹⁴⁶ ASSIS, 2009, p. 108.

vulcão interno. Ajoelhei-me ao pé do leito, mas como este era alto, fiquei longe de suas carícias: – Não, meu filho, levanta!¹⁴⁷.

Foi assim, coberto de carinhos, que Bentinho foi recebido em casa pela mãe que estava doente de cama. Mas, passados alguns dias, precisou retornar ao seminário. Chegando lá, encontrou seu amigo Escobar e lhe confidenciou os seus segredos do coração. O amigo, depois de ouvi-lo, aproveitou para dizer que igualmente não pretendia ser padre, justificando os motivos. Logo, percebe-se o quanto a ida do protagonista ao seminário contribuiu para desconstruir as intenções religiosas herdadas de Dona Glória. Em vez de o Contexto Discursivo criado no seminário despertar no jovem seminarista a devoção e o desejo de cumprimento de uma promessa sagrada, intensificou o anseio de encontrar um meio de se despir de tal responsabilidade, como se fosse um fardo que carregava.

No capítulo LXXX do romance em estudo, após o Sujeito Discursivo que conta essa história ter relatado seus sentimentos amorosos ao amigo Escobar, registra o quanto Capitu se aproximou de Dona Glória depois que ele foi para o seminário, com o coração cheio de esperança. Bentinho acreditava que aos poucos Dona Glória fosse convencida de que Capitu faria muito bem ao filho. Assim, pudesse deixar o seminário e assumir publicamente o relacionamento com Capitu. Sobre tal possibilidade o narrador declara:

Então (é o final do ponto anunicado), a esperança de que o nosso amor, tornando-me absolutamente incompatível com o seminário, me levasse a não ficar lá nem por Deus nem pelo diabo, esta esperança íntima e secreta entrou a invadir o coração de minha mãe¹⁴⁸.

Por meio do supracitado infere-se que Bentinho tinha consciência de que seu relacionamento com Capitu não combinaria com o seminário que, discursivamente na narrativa, representa a preparação para uma vida eclesiástica. Por isso, o lugar não lhe trazia apreço, era um sofrimento quando passava o final de semana em casa e depois tinha que retornar para o seminário. Os dois ambientes para a personagem tornam-se paradoxais no discurso machadiano. Parece que o jovem só começou a se acostumar com a vida no seminário depois que conheceu Escobar.

¹⁴⁷ ASSIS, 2009, p. 113.

¹⁴⁸ ASSIS, 2009, p. 127.

3.5 Capitu X Dona Glória

Capitu, no percurso da Formação Discursiva do romance em estudo, ora é descrita como um ser celeste ora é descrita como objeto de sedução. Como objeto de sedução, o narrador protagonista declara que tal personagem é possuidora de “olhos de ressaca”, enquanto José Dias diz que Capitu tinha “olhos de cigana oblíqua dissimilada”. Portanto, o uso das duas expressões adjetivas presentes no discurso machadiano leva o leitor imaginar a apresentação de uma personagem completamente sedutora, como se fosse um demônio que tenta desvirtuar uma pessoa dos caminhos sagrados. Esses registros aparecem em vários momentos da narrativa, mas especialmente no capítulo XXXIII, intitulado “Olhos de ressaca”¹⁴⁹. Nele, Bentinho relata que foi fazer uma visita à sua vizinha e chegando lá, durante a conversa, começou a observar fixamente os olhos de Capitu.

Após um exame cuidadoso e profundo, Bentinho concluiu que realmente Capitu possuía olhos que atraíam as pessoas para dentro de si, mas como algo “misterioso” e “enérgico”. O uso dos dois vocábulos parece sugerir que o próprio narrador que, já teria sido vítima dos olhos de Capitu, não sabia explicar como tal fato ocorria. Porém, pela descrição do relato, ser seduzido por Capitu não era algo que o rapaz não gostasse de sofrer. O uso dessas metáforas referentes aos olhos talvez fosse um dos recursos discursivo de Machado de Assis para, através do Sujeito Discursivo Bentinho, sugerir a possível traição. No processo de Formação Discursiva, a ideologia que sobressai é a de que uma pessoa que possui olhos conforme os de Capitu representa uma mulher sedutora, capaz de trair o marido, mesmo jurando amá-lo.

Ainda sobre essa temática, vale salientar que tais características atribuídas aos olhos de Capitu não eram comuns de ser encontradas em outras mulheres que fizeram parte daquele Contexto Discursivo. No final do século XIX, a figura feminina predominante na literatura era representada por uma mulher pacata, religiosa e submissa ao marido, mesmo pertencendo à classe burguesa, porque as ideologias que dominavam esse período eram influenciadas pelo Discurso Religioso Católico, que não constrói a imagem da mulher como um ser sedutor. Por ele, a mulher é vista como se fosse um anjo, um ser celeste. Em alguns episódios, Bentinho possui

¹⁴⁹ ASSIS, 2009, p. 63-64.

esse olhar sobre Capitu, em especial quando conta o segredo da sua paixão proibida para o amigo Escobar. Tal relato está no capítulo LXXXIII, quando Bentinho se encontra completamente apaixonado por Capitu:

Voltemos a uma e muitas vezes; eu louvava as qualidades morais de Capitu, matéria adequada à admiração de um seminarista, a simplicidade, a modéstia, o amor de trabalho e os costumes religiosos. Não lhe tocava nas graças físicas, nem lhe perguntava por elas [...] ¹⁵⁰.

Logo, como se observa no trecho acima, o narrador diz que “louvava” as qualidades de Capitu. Esse vocábulo está diretamente ligado a atitudes de exaltação atribuídas a um ser sagrado, celestial, divino, de acordo com o Discurso Religioso Católico. No mesmo sentido, o protagonista utiliza em sua narrativa outras qualidades para Capitu registradas no final do trecho em análise. Tais características reproduzem a figura da mulher desejada por qualquer homem que fizesse parte de um Contexto Discursivo Religioso do Segundo Império e que almejasse um namoro puro, sem as “contaminações” deste mundo.

Um pouco diferente de Capitu, no romance em estudo, Machado de Assis constrói também em seu transcurso de Formação Discursiva a figura de Dona Glória como ser sempre sagrado, uma mulher “santa”. Foi ela responsável pela promessa, por receber a bênção do nascimento de Bentinho e, de certa forma, contribuir para a concretização da união entre Bentinho e Capitu, quando convidava Capitu para lhe fazer companhia bem como aceita que Bentinho desista de ser padre. Além disso enviuvou muito cedo e não desejou se casar pela segunda vez.

Sendo assim, diante de tantas qualidades presentes na vida de Dona Glória, Bentinho, no romance em análise, cria partes exclusivas para falar da mãe, apresentando suas características e devoção. No capítulo LXXX, lê-se: “Minha mãe era temente a Deus; sabes disso, e das suas práticas religiosas, e de fé pura que as animava. Nem ignoras que a minha carreira eclesiástica era fruto de promessa feita quando fui concebido” ¹⁵¹. Ainda, no mesmo capítulo, o narrador protagonista declara:

Um cochilo da fé teria resolvido a questão ao meu favor, mas a fé revela com seus grandes olhos ingênuos. Minha mãe faria, se pudesse, uma troca de promessa dando parte dos seus anos para conservar-me consigo, fora do clero, casado e pai; é o que presumo, assim como suponho que rejeitou

¹⁵⁰ ASSIS, 2009, p. 123-124.

¹⁵¹ ASSIS, 2009, p. 126.

tal ideia, por lhe parecer uma deslealdade. Assim a senti sempre na corrente da vida ordinária¹⁵².

Portanto, diante de muitas qualidades sacralizadas, Bentinho reproduz em seu discurso a figura de sua mãe, apresentado-a para o interlocutor. Como se vê, para a descrição do caráter da personagem, Machado de Assis utiliza diversos vocábulos comuns presentes no Discurso Religioso Católico, porque o Contexto Discursivo do Segundo Império ainda valorizava a mulher que tivesse características como as apresentadas na construção da personagem Dona Glória, uma mulher que é, ao mesmo tempo, frágil e divina. E assim Bentinho, em toda a narrativa, sempre que pôde, evidenciou o perfil sagrado da mãe.

Outro trecho que registra tal ocorrência encontra-se no capítulo XCIII, onde Bentinho, em uma visita de Escobar a sua casa, convida-o para jantar¹⁵³. Durante a conversa, Dona Glória agradeceu Escobar pela amizade com o filho; em retribuição o rapaz disse para a mãe de Bentinho que admirava muito as qualidades que o amigo possuía e acreditava que eram fruto da boa educação que recebera. Nesse momento da narrativa, para intensificar a exaltação de Dona Glória, o enunciador, por intermédio do Sujeito Discursivo Bentinho, faz uso da expressão “na doce e rara mãe”¹⁵⁴, dita por Escobar. Com isso, o autor de *Dom Casmurro* deixa claro para o interlocutor o valor que possuía a mulher que, naquela ocasião, servia-se, para a educação dos filhos, dos princípios do Discurso Religioso Católico.

Mais um detaque de Dona Glória como uma mulher “santa” encontra-se no capítulo CXLII. Nele, o narrador protagonista comenta sobre as viagens que fizera à Europa e quanto desejava a companhia do agregado que não podia acompanhá-lo porque precisa tomar conta do tio Cosme e da Dona Glória que estavam bem debilitados. A mãe de Bentinho envelhecera rápido demais e, em decorrência, faleceu primeiro.

– Não; não posso. Agora, adeus, Bentinho, não sei se me verá mais; creio que vou para a outra Europa, a eterna... Não foi logo; minha mãe embarcou primeiro. Procura no cemitério de S. João Batista uma sepultura sem nome, com esta única indicação: Uma santa. É aí. Fiz fazer essa inscrição com alguma dificuldade. O escultor achou-a esquisita; o administrador do cemitério consultou o vigário da paróquia; este ponderou-me que as santas estão no altar e no céu. – Mas, perdão, atalhei, eu não quero dizer que naquela sepultura está uma canonizada. A minha ideia é dar com tal palavra uma

¹⁵² ASSIS, 2009, p. 126.

¹⁵³ ASSIS, 2009, p. 139.

¹⁵⁴ ASSIS, 2009, p. 139.

definição terrena de todas as virtudes que a finada possui na vida. Tanto é assim que, sendo a modéstia uma delas, desejo conservá-la póstuma, não lhe escrevendo o nome¹⁵⁵.

Dessa forma, o Sujeito Discursivo que narra o trecho citado relata para seu interlocutor, as intenções de ter feito uma inscrição para o túmulo da mãe chamando-a de “santa”. Com tantos detalhes para justificar que não era para ferir os conceitos de santidade impostos pela religião dominante na época, mas para destacar as qualidades nobres que Dona Glória possuía e que eram dignas de admiração em um cenário marcado por influências do Discurso Religioso Católico.

3.6 A vítima X o ofensor

Eis o grande paradoxo, porém o objetivo desta análise não é tentar explicá-lo, ou tomar partido do lado de Bentinho ou de Capitu, até porque quando mais se buscam respostas para tal questão, mais dúvidas surgem na leitura do romance. Portanto, o propósito aqui é destacar a forma como Bentinho, Sujeito Discursivo do romance em avaliação, coloca-se na posição de vítima em diversas Recortes Discursivos da narrativa machadiana. Para tanto, vale destacar diferentes partes do capítulo CXLV. Nele, Bentinho conta a visita que recebeu do filho, Ezequiel, que não via há muito tempo. Friamente, depois de descobrir que a pessoa que lhe esperava na sala era o próprio filho que regressara da Europa, a personagem foi receber o rapaz. Preparando-se para o momento declarou: “[...] tomei ares de pai, um pai entre manso e crespo, metade *Dom Casmurro* [...]”¹⁵⁶.

Assim, com tal descrição, observa-se o quanto em todo o processo de Formação Discursiva do romance, Bentinho se coloca como vítima da situação, utilizando para isso um discurso persuasivo no decorrer da narrativa a fim de justificar os seus atos para o leitor. Pelo relato do trecho acima, parece que Ezequiel e Capitu tinham uma dívida a ser paga a Bentinho, que não recepciona o filho com total mansidão, saudades, carinho, etc., ou seja, com todos os sentimento que um pai normalmente teria ao reencontrar o único filho depois de tanto tempo.

¹⁵⁵ ASSIS, 2009, p. 193.

¹⁵⁶ ASSIS, 2009, p. 196.

Outro fragmento que merece destaque é quando Bentinho se dirige para a sala da casa a fim de atender o filho que esperava por ele. Ao olhar para o rapaz, o narrador de *Dom Casmurro* declara que visualiza Escobar em Ezequiel.

Não me mexi; era nem mais nem menos o meu amigo e jovem companheiro do seminário de S. José, um pouco mais baixo, menos cheio de corpo e, salvo as cores, que eram vivas, o mesmo rosto do meu amigo. Trajava à moderna, naturalmente, e as maneiras eram diferentes, mas o aspecto geral reproduzia a pessoa morta. Era o próprio, o exato, o verdadeiro Escobar. Para o meu comborço; era o filho de seu pai¹⁵⁷.

Com um discurso persuasivo, a personagem relata o encontro com Ezequiel e as impressões que teve ao ver o filho. É como se o narrador estivesse reencontrando o próprio amigo. Essa caracterização é importante para o Sujeito Discursivo de *Dom Casmurro* convencer o interlocutor de que realmente a traição aconteceu. Tal confirmação, segundo Bentinho, dá-se pelas descrições do perfil de Ezequiel, sendo reforçado pelo vocábulo “comborço” que denota traição.

Mais uma evidência da vitimação ocorreu depois que Bentinho fez as descrições e comparações de Ezequiel com Escobar. Então, o narrador afirmou que o filho dissera que Capitu tecia vários elogios sobre ele quando estavam na Europa: “A mãe falava muito em mim, louvando-me extraordinariamente, como o homem mais puro do mundo, o mais digno de ser querido.”¹⁵⁸. Portanto, parece que com esse discurso Bentinho deseja transmitir para o seu interlocutor que ele foi um marido muito bom para sua esposa, inclusive por tolerar uma possível traição sem alarmar ou pedir o divórcio; por isso, talvez então, uma pessoa pura e digna de ser amada.

Após esse episódio, a personagem prossegue a narrativa dizendo que ele e Ezequiel almoçaram juntos naquele dia e que a refeição não foi um momento amargo, mas que teve alguns aborrecimentos: “a princípio doeu-me que Ezequiel não fosse meu filho, que não me completasse e me continuasse”. Assim, sentindo-se ressentido, o narrador da obra em estudo lamenta sua grande frustração.

Um pouco mais à frente da narrativa, Bentinho confessa que Ezequiel possuía a mesma mente de Escobar quando contava de seus estudos e paixões sobre arqueologia: “Falava da antiguidade com amor, contava o Egito e seus milhares de séculos, sem se perder nos algarismos; tinha a cabeça aritmética do

¹⁵⁷ ASSIS, 2009, p. 197.

¹⁵⁸ ASSIS, 2009, p. 197.

pai.”¹⁵⁹. Com essa comparação, Bentinho, com certo ar de admiração e ao mesmo tempo amargura, registra mais um trecho em que se considera enganado.

Outro episódio em que a referida personagem se faz de vítima está no capítulo CXLVIII. O Sujeito Discursivo de *Dom Casmurro*, encerrando a narrativa em estudo, ressalta que outra mulher não lhe fez esquecer Capitu porque nenhuma delas possuía “olhos de ressaca nem os de cigana oblíqua e dissimulada”¹⁶⁰. Desse modo, Bentinho considera Capitu seu grande amor, apesar de se sentir traído; por isso, ressalta: “quis o destino que acabassem juntando-se e enganado-me”¹⁶¹. Isso é o que Machado de Assis, na figura de Bentinho, como Sujeito Discursivo que narra o romance em análise, pretende sugerir para o interlocutor que a traição ocorreu mesmo.

Ainda, no mesmo capítulo, para intensificar a vitimação, o narrador de Dom Camurro utiliza a metáfora da fruta, numa espécie de determinismo, apontando a predestinação de Capitu: “[...] se te lembras bem da Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca”¹⁶². Portanto, dessa forma, Bentinho sugere que foi traído e não tinha como fugir dessa realidade, pois, mesmo que não tivesse conhecido Escobar, o ato se concretizaria na companhia de outra pessoa, como algo já pré-determinado pelo destino desejado na vida de Capitu. O discurso de Bentinho para justificar essa passagem fundamenta-se no método cartesiano-científico de um mundo profano, como se fosse obra do destino, uma espécie de determinismo¹⁶³.

Convém lembrar que o leitor machadiano deve levar em consideração o fato de que esse tipo de história construída por meio de um narrador personagem não permite ao interlocutor ter acesso a muitas informações sobre o interior das personagens. O leitor fica limitado, sem conhecer o ponto de vista dos outros

¹⁵⁹ ASSIS, 2009, p. 197.

¹⁶⁰ ASSIS, 2009, p. 200.

¹⁶¹ ASSIS, 2009, p. 200.

¹⁶² ASSIS, 2009, p. 200.

¹⁶³ Determinismo é entendido aqui como “Teoria filosófica que surgiu na metade do século XIX, defendida pelo filósofo, historiador e crítico literário Hippolyte Taine (1828-1893) [...] Para ele, o ato humano não é livre, mas resultado de fatores dos quais não se pode escapar [...] defendia a existência de uma causa que tudo determina, ou seja, todos os acontecimentos no mundo tinham uma causa e o indivíduo, imerso nele, não tinha liberdade de escolha, já que sofria influência, do meio, da raça e do momento”. LIMA, Irani Barbosa de. *A questão do determinismo em O Cortiço, de Aluísio Azevedo*. 19 p. Departamento de Letras. Universidade Federal da Paraíba. Guarabira-PB: UEPB, 2012.

Sujeitos Discursivos presentes na narrativa, principalmente o de Capitu, que é a personagem acusada no percurso discursivo da narrativa.

Essa estratégia utilizada pelo enunciador contribui para que Bentinho indiretamente acusasse sua esposa de um ato que não se confirma, já que não se tem a versão dela. Por essa perspectiva, Bentinho deixa de ser a vítima e se torna o ofensor em toda a construção discursiva do romance. Segundo Brandão e Oliveira, trata-se de um ofensor revestido do poder e do direito de voz dentro da narrativa, o que lhe confere liberdade e possibilidade de julgamento e de crítica acerca dos fatos contados¹⁶⁴.

Tal narrador se configura livre de um tempo cronológico e linear, sendo que lhe é consentido criar um tempo constelar, tempo em que a criação literária se faz. Se esse processo gera falhas ou alterações, essas estão dentro da coerência da ficção. E esse é o papel de Bentinho na narrativa ficcional. É um acusador que pratica tal ato, mas faz de tudo para não deixar transparecer seus defeitos de modo que seu interlocutor não compreenda que o final trágico do relacionamento entre Bentinho e Capitu fora provocado pela casmurrice desse narrador protagonista.

¹⁶⁴ BRANDÃO, R. S.; OLIVEIRA, J. M. *O escritor é, antes de tudo, um leitor*. Machado de Assis em linha, ano 3, n. 5, jun. 2010.

CONCLUSÃO

Alguns pesquisadores têm desprezado os estudos das formas religiosas, em especial do Discurso Religioso; contudo, tal discurso se manifesta em obras de diversos autores renomados da literatura brasileira provocando no público leitor reflexões profundas, dignas de serem discutidas academicamente. Assim sendo, compreender o fenômeno religioso, suas características e influências discursivas nas narrativas clássicas, faz parte dos interesses dos estudos literários.

Contrário ao mencionado anteriormente, chega-se até ouvir que Machado de Assis e religião não combinam, talvez porque o autor seja caracterizado como anticlerical e cético, em função da estética literária a que pertence e das influências dos pensamentos cientificistas que recebera vindos da Europa. Afinal, Machado nasceu e viveu toda a sua vida na cidade do Rio de Janeiro que, além de ter sido a Capital Federal, na ocasião, se tornou centro cultural em um período de grandes transformações sociais, econômicas e intelectuais.

Mas deve-se levar em consideração que, mesmo antes do Realismo, a estética romântica apresentou a religiosidade como uma das suas principais características; por isso, no Romantismo, a literatura rompe teoricamente com o paganismo e passa a valorizar a religião predominante da classe burguesa. Porém, cabe salientar que tal desligamento foi somente na teoria, uma vez que, no final do século XIX, já se manifestava no Brasil a pluralidade religiosa, principalmente no Rio de Janeiro, que é o Estado mais sincrético na contemporaneidade. O objetivo aqui não foi comprovar a religiosidade ou as crenças seguidas pelo literato do romance em estudo.

Com todo respeito, vale destacar que, para isso, não se tem autorização do Bruxo do Cosme Velho. Mas deve-se afirmar que *Dom Casmurro* apresenta para o leitor influências do Discurso Religioso Católico existentes no Segundo Império. Dessa maneira, os textos machadianos proporcionam muitas faces a serem descobertas e, dentre essas, os aspectos religiosos presentes na herança de Machado de Assis, são merecedores de uma atenção especial por parte dos estudos literários. Até porque o autor teve uma iniciação religiosa na infância. Inclusive, chegou a ajudar na ministração da missa como coroinha em uma paróquia perto da casa onde morou. Sem contar que na idade adulta do literato, a Bíblia era seu livro de cabeceira.

Diante disso, procurou-se ao longo da pesquisa desenvolvida nesta dissertação, elucidar de que maneira o Discurso Religioso Católico influenciou a escrita de *Dom Casmurro* – que foi o problema levantado na Introdução deste estudo. Para o cumprimento de tal tarefa, foram realizadas várias pesquisas que serviram de fundamentação teórico-metodológica para o presente estudo, que nortearam toda a análise do romance machadiano. Assim, ratificou-se a genialidade de Joaquim Maria Machado de Assis, um escritor célebre da literatura, um elemento imprescindível para a cultura brasileira, que, além de densos romances também escreveu crítica, poesia, conto, crônica, e ainda teatro.

O literato produziu, ao longo de sua carreira, uma produção de estilo próprio, alçando destaques que o elevaram à maior expressão da literatura brasileira. Sua obra pode ser dividida em dois momentos: primeiro, produz romances que se aproximam da estética romântica, já que possuem estruturas e enredos mais tradicionais e lineares. A partir de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), que inaugura o Realismo no Brasil, Machado de Assis passa a explorar suas conhecidas análises psicológicas, aliadas a estruturas narrativas arrojadas, com digressões, conversas com o leitor e uma retórica carregada de ironia.

Como, no início deste estudo, fora esclarecido que o seu objetivo era verificar até que ponto o Discurso Religioso Católico influenciou a produção da narrativa, pode-se concluir que, com efeito, é possível ao leitor, ao fazer uma análise do romance em discussão, perceber a presença constante de tais elementos discursivos. Acredita-se, inclusive, que Machado de Assis utilizou a Bíblia – de onde retirou narrativas significativas – como fonte intertextual privilegiada, com liberdade, sem responsabilidade com a tradição teológico-doutrinária do catolicismo existente em sua época nem com qualquer outro credo religioso.

Para a compreensão de *Dom Casmurro*, foi importante entender as relações intextuais presentes nos Recortes Discursivos retirados do livro de reminiscências de Bentinho, mesmo antes do nascimento dele até a última página do romance. Daí, o narrador autodiegético levanta um clamor dirigido a Jesus, desejando saber se o ciúme que sentia levou Capitu a traí-lo, pretendendo seguir as orientações de sabedoria do autor do livro de Eclesiástico. É claro que depois desse momento na narrativa, Bentinho chega à conclusão de que não, e a encerra sugerindo que a traição já estava dentro de Capitu desde Matacavalos, quando ainda era menina.

Além disso, precisou, a partir dos fatos históricos identificados em *Dom Casmurro*, apreender as ideologias que permeavam o final do século XIX. Para isso, foi imprescindível para a construção de sentido perceber tais ideologias nos Recortes Discursivos extraídos do romance. De tal modo, deve destacar que essa forma de ver o mundo do homem burguês estava carregada de preceitos eclesiásticos. Portanto, em relação ao contexto histórico discursivo, depreende-se que as personagens machadianas foram criadas em mundo decadente e em eminente colapso, vegetando na mais triste hipocrisia. Dessa maneira, arrastava uma vida obscura, monótona, vulgar, prosaica, mesquinha e ciumenta, envenenada pelo tédio e ociosidade.

O enunciador Joaquim Maria Machado de Assis soube criar suas personagens em um romance completamente metalinguístico, apresentando como escritor qualidades peculiares. Pode-se dizer que o Realismo é a base para a produção machadiana; contudo tal alicerce, na verdade, é próprio e busca outros caminhos e características. Porém, deve-se levar em consideração que são personagens instigantes dentro da literatura brasileira. Pensando em casais nobres, Bentinho e Capitu, por certo, possuem lugar de destaque na vida de muitos leitores. Bentinho, um burguês típico (orgulhoso, mimado, ciumento, inseguro, mas ao mesmo tempo confiante), quando escreve suas memórias, em *Dom Casmurro*, declara que ele era a figura forte na relação amorosa, sempre confiou que para ficar junto da sua grande paixão era apenas uma questão de tempo e de alguns ajustes.

Apesar disso, o Sujeito principal de *Dom Casmurro* confessa sobre a esposa que ela era mais mulher do que ele era homem. De tal modo, infere-se que a figura de mulher construída dentro da narrativa cria vida, provoca reações diversas no interlocutor machadiano como, por exemplo, a mimese¹⁶⁵ e a catarse¹⁶⁶. Mas o que ameniza as reações contrárias aos fatos narrados é saber que o romance é contado em primeira pessoa, por meio da voz da personagem que confere título ao livro. *Dom Casmurro* narra sua própria história, a história de Bentinho, o qual passa a ser casmurro na ocasião em que, em sua casa do Engenho Novo, resolve escrever suas

¹⁶⁵ Conceito inicialmente empregado por Aristóteles. Significa a necessidade que o homem tem de expressar suas emoções (conflitos, desejos, angústias) diante do mundo em que vive. Cf. MOISÉS, 2004, p. 336-337.

¹⁶⁶ Nome dado à projeção que um receptor de uma obra de arte realiza ao se deparar com tal sensação imitada, identificando-se com o que foi exposto, vivenciando, projetando-se na obra. Cf. MOISÉS, 2004, p. 79-80.

reminiscências, dando origem a uma autobiografia ficcional. Assim, o Sujeito titular do romance em estudo torna-se o único produtor de sentido de todo o texto.

Diante disso, deduz-se que Bentinho está coberto do poder e do espaço de voz dentro do texto, o que lhe atribui autonomia e direito de apreciação e crítica acerca dos fatos narrados. Tal narrador encontra-se livre de um tempo cronológico e linear. Se tal processo gera erros ou falsificações, esses estão dentro da lógica da ficção. Sendo assim, pode-se definir, a presença de um "eu" da história que se distingue do "eu" da enunciação. *Dom Casmurro*, que possui a posição do eu da enunciação, revive suas reminiscências ao expô-las em um livro, sendo que essas memórias se aludem aos sentimentos de Bentinho, ao eu da história, àquele que *Dom Casmurro* era antigamente.

Tal autoridade, que toma o poder controlador, manifesta-se textualmente como construção hipotética, deduzida pelo leitor por meio do arranjo textual. O leitor, portanto, é convidado, no ato da leitura, a perceber o que está nas entrelinhas do texto, que apontam para além do que é linear no discurso de Machado de Assis. Dessa maneira, observa-se que o narrador "está presente em cada parte da narrativa e todas são organizadas por ele. Capitu, que dominava a personalidade de Bentinho, é dominada pelo narrador *Dom Casmurro* e não tem o direito de apresentar os fatos de sua própria perspectiva. Com isso, como já ressaltado nos capítulos iniciais deste trabalho, ninguém jamais ouviu a versão de Capitu para, então, realizar um julgamento preciso sobre a problemática de uma possível traição, sugerida por Bentinho.

Por fim, faz-se necessário afirmar que um leitor desatento, de imediato, receberia os argumentos expostos pelo advogado Bento Santiago com passividade, sem refletir na formação do foco narrativo do romance em análise que, de certa forma, rompe com o perfil estabelecido pelo Realismo, que propunha a construção de um narrador observador em seus escritos. Mas uma ruptura estilística intencional, provavelmente para gerar, de fato, dúvidas sobre a possível traição, conduzindo o público leitor a variados posicionamentos discursivos, como se essa história pudesse terminar de diversas maneiras, sem um desfecho determinado, ou seja, um final aberto, rompendo com os modelos tradicionais de construção do enredo das narrativas.

Para se chegar a tais conclusões, desenvolveu-se esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Nair F. Gurgel. *Um pouco de humor na análise do discurso: resgatando a subjetividade discursiva*. *Revista Primeira Versão*. Porto Velho-RO, ano 1, n. 34, jan. 2002. Disponível em: <http://www.primeiraversao.unir.br/atigos_pdf/numero034Nair.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2016.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Ática, 2009.

BARBOSA, Romilda Meira de Souza. O Sujeito da Prostituição na Mídia. *Web-Revista Discursividade Estudos Linguísticos*, Mato Grosso do Sul, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.uems.br/na/discursividade/>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

BÍBLIA. Português. *Nova Bíblia Viva*. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRANDÃO, H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Unicamp, 2004.

BRANDÃO, R. S.; OLIVEIRA, J. M. O escritor é, antes de tudo, um leitor. Machado de Assis em linha, ano 3, n. 5, jun. 2010.

BRUM, Fernando Machado. *Literatura e religião: estudo das referências religiosas na obra de Machado de Assis*. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

CAMPOS, Haroldo de. *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos*. Salvador: FCJA, 1989.

CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. v.1 e v.2.

CARLI, Camila de. *Do discurso original ao discurso traduzido: uma análise discursiva de Pedro Páramo, de Juan Fulfo, pelo véis da memória e da subjetividade*. 2013. 81f. Dissertação de Mestrado. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Disponível em: <<http://www.fw.uri.br/NewArquivos/pos/dissertacao/15.pdf>>. Acesso em: 4 mar. 2016.

CONCEIÇÃO. Douglas Rodrigues da. *Teologia e literatura 3: aspectos religiosos em Machado de Assis*. São Paulo: Fonte, 2013.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FERRAZ, Salma. *Revista Doutrina*. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.revistadoutrina.com/salma-ferraz>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do discurso*. 14 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993. (Princípios).

GARCIA, Othon M. Os sentidos das palavras, p. 155-167. In: *Comunicação em prosa moderna*. 17 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

GASPARI, Silvana de. Tecendo comparações entre teologia e literatura. In FERRAZ, Salma. *Pólen do divino, textos de teologia e literatura*. Blumenau: Edifurb/Fapesc, 2011.

GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto (Org.). *Análise do Discurso: a materialidade do sentido*. São Carlos: Claraluz, 2001.

HERINGER, V. *Diálogos em falência: o sagrado e o profano em Dom Casmurro*. Machado de Assis em linha, ano 3, n. 6, dez. 2010.

ILARI, Rodolfo. Implícito II. In: *Introdução à Semântica: brincando com a gramática*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. Texto e contexto. In: *Desvendando os segredos do texto*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça. A construção de sentido no texto: intertextualidade e polifonia, p. 59-74. In: *O texto e a construção de sentido*. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, Ingedore G.; BENTES, Ana Christina II; CAVALCANTE, Mônica M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, Ingedore G.; TRAVAGLIA, Luiz C. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.

LIMA, Irani Barbosa de. *A questão do determinismo em O Cortiço, de Aluísio Azevedo*. 19p. Departamento de Letras. Universidade Federal da Paraíba. Guarabira-PB: UEPB, 2012.

LOBO, Luiza. Antiépica e modernidade, p. 09-23. In: *Ipotesi: Revista de Estudos Literários*, Juiz de Fora, vol. 1, n. 1, 1997.

MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo. O sagrado na poesia e na religião. In: FERRAZ, Salma. *Pólen do divino, textos de teologia e literatura*. Blumenau: Edifurb/Fapesc, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3 ed. Campinas-SP: Pontes/Unicamp, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. Linguística Textual. In: *Introdução à linguística: domínio e fronteiras*. v. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas-SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1987.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: UNICAMP, 1990.

PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (Org.). *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011.

QUEIROZ, Maria Eli de. *Machado de Assis e a religião: considerações acerca da alma machadiana*. Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2008.

REIS, C.; LOPES, A. C. M. *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina, 2000. Disponível em: <<https://nilviapantaleoni.wordpress.com/2013/05/10/o-texto-narrativo-reis-c-lobes-a-c-m-dicionario-denarratologia-coimbra-almedina-2000-adaptado-por-nilvia-pantaleoni/>>. Acesso em: 27 jan. 2017.

RIO, João do. *As religiões no Rio*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Crenças, seitas e símbolos religiosos*. São Paulo: Paulinas, 1983.

SILVA, Welton Pereira e. Um estudo sobre a representação do sagrado religioso em Esaú e Jacó de Machado de Assis, p. 1-14. *Littera Online*. Maranhão, n. 9, v. 6, 2015, p. 6. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/littera/issue/view/252>>. Acesso em: 26 fev. 2017.

TRAVAGLIA. O texto e o discurso. In: *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2000.